

# Letras e Gestos: Programas de Educação Feminina em Portugal nos séculos XVIII-XIX

Zulmira Santos, Helena Queirós

► **To cite this version:**

Zulmira Santos, Helena Queirós. Letras e Gestos: Programas de Educação Feminina em Portugal nos séculos XVIII-XIX. *Via Spiritus (Revue du Centre Interuniversitaire de l'histoire de la Spiritualité, Porto)*, 2012, A Educação Feminina nos Séculos XVI-XIX 2. Textos e Documentos. <hal-01486226>

**HAL Id: hal-01486226**

**<https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01486226>**

Submitted on 9 Mar 2017

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## LETRAS E GESTOS: PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO FEMININA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVIII-XIX

ZULMIRA C. SANTOS E HELENA QUEIRÓS

UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM

zcoelho@letras.up.pt

helena.queiros.mail@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo transcreve dois «regulamentos» pedagógicos de ensino feminino, um das Visitandinas, certamente da autoria de Teodoro de Almeida [1722-1804], embora reproduzindo modelos franceses, e outro das Ursulinas de Braga, com probabilidade «tirado» das de Paris, como aconteceu com os regulamentos das religiosas que precedem os das discípulas no volume do Arquivo Distrital de Braga. Acompanhando a divulgação destas pautas de educação, as autoras estudam, nas respectivas introduções, a organização, a estrutura, as linhas mestras de uma prática quotidiana de ensino que contribuiu para a construção identitária de paradigmas de educação no feminino, orientados para grupos sociais diversos, permitindo evidenciar a permanência de modelos de longa duração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Mulheres, Séculos XVIII e XIX

**ABSTRACT:** This paper transcribes two pedagogical regulations for female education, one from the Visitandinas Congregation, certainly written by Teodoro de Almeida [1722-1804], although reproducing French models, and the other one from the Ursulinas Congregation of Braga, likely «taken» from Paris, as happened with the regulations of the religious, which precede the disciples of the volume of the District Archives of Braga. Following the dissemination of these models of education, the authors study in their respective introductions, the organization, structure, and guidelines of a daily teaching procedure that became the basis of long term female education paradigms oriented to different social classes.

**KEY-WORDS:** Education, Women, XVIII-XIX Centuries

Na obra colectiva *Genre et identité aux Pays-Bas méridionaux. L'éducation religieuse des femmes après le concile de Trente* (Louvain-la-Neuve, 2010), Silvia Mostaccio retoma, nas palavras iniciais<sup>1</sup>, a afirmação de Natalie Zemon Davis e Arlette Farge no texto introdutório a *L' Histoire des Femmes* (sécs. XVI-XVIII): «Prendre la femme au sérieux, c'est restituer son activité dans le champ de relations qui s'instituent entre elle et l'homme, faire du rapport

---

<sup>1</sup> MOSTACCIO, Silvia — «Introduction» a *Genre et identité aux Pays-Bas méridionaux. L'éducation religieuse des femmes après le concile de Trente*. Louvain-la-Neuve, 2010, p. 7.

des sexes une production sociale dont l'historien peut et doit faire l'histoire»<sup>2</sup>. O longo caminho percorrido neste campo de estudos tem vindo a estimular a «reconstrução» do debate teórico em torno da história das mulheres como disciplina científica. Consagrado por uma ampla bibliografia<sup>3</sup>, o tema encontra duas sínteses fundamentais e inspiradoras nas páginas de Gabriella Zarri, «Le donne come oggetto e soggetto di storia», inseridas na obra *La memoria di lei. Storia delle donne, storia di genere* (1996)<sup>4</sup>, e de Sofia Boesch Gajano, «Saperi e poteri religioso. Complementarità e conflitti fra uomini e donne»<sup>5</sup>. A G. Zarri se deve, nas páginas referidas, o exame dos problemas da formação da «história das mulheres» e da institucionalização da disciplina, enquanto Sofia Boesch Gajano revisita percursos no âmbito da história comparada das religiões, discutindo paradigmas interpretativos e sublinhando como «I testi propri della storia religiosa antica, medioevale, moderna conservano una memoria eccezionale, cioè impossibile di trovare in altri tipi di fonti, delle esperienze religiose femminili; le donne possono essere soggetto o oggetto delle scritture – autobiografie, biografie, e altre memorie in genere scritte dai confessori, ma non prive di tracce autobiografiche –, ma in un caso come nell'altro si aprono nuovi orizzonti per la storia delle donne e per i rapporti fra uomini e donne, nella dialettica fra sfera individuale/spontanea e sfera comunitaria normativa,

<sup>2</sup> «Introduction». In DUBY, George et PERROT, Michelle (eds., 1991) — *Histoire des Femmes en Occident*. Vol. 3 - *XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles*, avec édition de Natalie Zemon Davis et Arlette Farge. Paris: Plon, p. 13-19, sobretudo p. 14.

<sup>3</sup> Bastará ler os artigos de BARANDA, Nieves (2010) — «L' éducation des femmes dans l'Espagne post-ridentine»; de HENNEAU, Marie-Élisabeth (2010) — «À l'école du cloître au 17<sup>e</sup> siècle: formation et éducation dans les ordres contemplatifs féminins»; ou de ANNAERT, Philippe (2010) — «L'éducation dispensée par les ursulines aux 17<sup>e</sup> et 18<sup>e</sup> siècles», os três in MOSTACCIO, Silvia (ed.) — *Genre et identités aux Pays-Bas méridionaux: l'éducation religieuse des femmes après le concile de Trente. Actes du colloque international, Université catholique de Louvain 7 mars 2008 (Sillages, 14)*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, para verificar como estamos perante um campo de investigação em pleno desenvolvimento que muito deve aos notáveis trabalhos de estudiosas como Gabriella Zarri (*Donne e fede. Santità e vita religiosa in Italia*. A cura e con Introduzione di Lucetta Scaraffia e Gabriella Zarri. Roma-Bari: Laterza, 1994; *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo*. Studi e testi a stampa a cura e con introduzione di Gabriella Zarri. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1996; *Per lettera. La scrittura epistolare femminile tra archivio e tipografia (secoli XV-XVII)*. A cura e con Introduzione di Gabriella Zarri. Roma: Viella, 1999; *Le Clarisse in Carpi. Cinque secoli di storia XVI-XX*, vol. 1. *Saggi*, a cura di Gabriella Zarri, e vol. 2. *Testi*, a cura di Anna Maria Ori. Fondazione Cassa di Risparmio di Carpi, Reggio Emilia: 2003; «Introduzione», vol. 1, p. 2-27; *Storia della direzione spirituale*. Diretta da Giovanni Filoramo, III. *L'età moderna*, a cura di Gabriella Zarri. Brescia: Morcelliana, 2008, p. 1-628; *Monasteri femminili come centri di cultura tra Rinascimento e Barocco. Atti del convegno storico internazionale, Bologna 8-10 dicembre 2000*. A cura di Gianna Pomata e Gabriella Zarri. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, p. 406; «Alle origini della biografia femminile: dal modello alla storia». A cura e con Introduzione di Catherine Brice e Gabriella Zarri. In *Mélangés de L'Ecole Française de Rome. Italie et Méditerranée*, 113, 2001-1, p. 7-285) e Sofia Boesch Gajano (GAJANO, Sofia Boesch e PACE, Enzo (2007) — *Donne tra saperi e poteri nella storia delle religioni*. Morcelliana).

<sup>4</sup> ZARRI, Gabriella (1996) — *La memoria di lei. Storia delle donne, storia di genere* (con la collaborazione di Claudia Pancino e Fiorenza Tarozzi). Torino: SEI.

<sup>5</sup> GAJANO, Sofia Boesch e PACE, Enzo (eds., 2007) — *Donne tra saperi e poteri nella storia delle religioni*. Brescia: Morcelliana, «Introduzione», p. 7-21.

fra dimensione interiore e dimensione istituzionale della religione». A definição de uma base epistemológica consistente depende, assim, entre muitos outros aspectos, dos resultados de uma investigação que se tem vindo a processar em áreas diversas e que, para além, por exemplo, do estudo da vida monástica como possibilidade de aprofundamento cultural ou centro de complexas relações sociais, do enquadramento de diferentes modelos de santidade femininos relacionados com estratégias «familiares», visando processos de beatificação ou canonização, não ignora perfis biográficos de relevo nem marginaliza os diferentes papéis sociais desempenhados pelas mulheres.

Os «programas» que a seguir se transcrevem, fontes documentais que podem escorar o estudo dos paradigmas de pedagogia feminina em Portugal, evidenciam, para além da atenção a espaços religiosos e culturais, a existência de um modelo de educação «católica» de longa duração que, em pleno século XVIII, no caso das Visitandinas, recuperando seguramente modelos anteriores de matriz francesa<sup>6</sup>, reproduz muitas das ideias registadas pelos programas «pedagógicos» humanistas<sup>7</sup> e, mais tarde, por tratados de que pode servir de paradigma, tendo em conta diferenças pontuais, a conhecida e traduzida obra de Fénelon *Traité de l'éducation des filles* (1682, pub. em 1687). Vocacionados para grupos sociais diferenciados – as Visitandinas, ainda que com sérias dificuldades de «recrutamento» em Portugal e, em certos momentos, também em França – visavam, essencialmente, a educação de meninas nobres, enquanto as Ursulinas<sup>8</sup> acolhiam grupos sociais mais diferenciados, estes «regulamentos» podem contribuir para penetrar no universo, ainda pouco conhecido, entre a casa de família e o convento, pois que se dirigem não apenas a futuras religiosas, mas também a meninas educandas de variados estratos culturais e sócio-económicos, difundindo modelos de comportamento feminino que fixavam, para além de «ler, escrever e contar», gestos, formas de olhar e manter o rosto, expressões faciais, maneiras de falar, gerindo condutas em público que visavam simultaneamente o controle da palavra e o controle dos gestos, ambos submetidos a uma «retórica» da contenção que em muito contribuiu para os diferentes papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.

<sup>6</sup> Fundada em terras do duque da Sabóia, no dealbar do século XVII, a ordem expandiu-se rapidamente em França e logo em Itália, na Suíça, na Alemanha, Áustria e Polónia. V. *Visitation et visitandines aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles*. Org. Bernard Dompnier et Dominique Julia. P. U. de Saint-Étienne, 2001.

<sup>7</sup> V., no âmbito de uma ampla bibliografia, FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1995) — *Espelhos, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica*. Porto: ICP.

<sup>8</sup> CHANTAI GUEUDRE, Mère Marie de (1957) — *Histoire de l'ordre des Ursulines en France*, 2 vols. Paris: Édition Saint-Paul.

### 1. «Do seminário das meninas. Pensionado»: regulamento e história da Visitação em Portugal\*

O «Livro 5º» da «Historia da Visitação», manuscrito seguramente da autoria de Teodoro de Almeida [1722-1804], embora as cópias conhecidas possam ter acrescentos posteriores de outras «mãos», narra, recorrendo a uma interpretação de teor «providencialista» tão cara ao autor, a vinda das discípulas de Jeanne Frémyot de Chantal para Portugal em 1784 e expõe o primeiro programa completo de educação feminina, em termos de organização e aplicação práticas, de que parece haver notícia em ambiente conventual em Portugal. Organizado em temas independentes – «Da Educação», «Do Vestido e do Toucado», «Dos Castigos», «Da sua Modestia e Gravidade», «Do seu Fervor e Devoção», «Da disposição para aprenderem», «Da primeira comunhão que fazem as Meninas na Vizitação», «De S. José do Seminário», «Da protecção do Anjo da Guarda», «Da Protecção de S. Francisco de Sales» – configura uma brevíssima «Ratio studiorum», em que as considerações expressas examinam as disciplinas ensinadas e explanam estratégias pedagógicas.

A primeira parte deste «Livro 5º», dedicado ao «Seminário das meninas. Pensionado.», equaciona um conjunto de questões relativas à «educação» enquadrando planos de aprendizagem que comportam um estádio inicial que consistiria em aprender a ler, escrever, contar e «a Religião». Num momento posterior, surgiria o ensino da «Grammatica Portugueza»<sup>9</sup>, que antecedia a francesa, a italiana, a latina e a inglesa, no percurso de ensino destas línguas. Com toda a probabilidade, o francês deverá ter tido um peso maior que o dos outros idiomas, com excepção do português, pois que se tratava da língua materna das fundadoras, vindas da casa-mãe de Annecy, e o próprio texto regista que mesmo as alunas mais novas, que não o aprendiam ainda nas aulas, acabavam por adquirir alguma competência linguística, apenas por estarem imersas num ambiente em que se falava francês. De resto, o domínio deste idioma facultava a distinção entre as três classes criadas para «causar emulação e premiar o adiantamento nos estudos»<sup>10</sup>: à primeira pertenciam as meninas que falassem «francamente» e soubessem bordar bem. Aliás, no cenário definido por Teodoro de Almeida, de resto um experimentadíssimo professor de «Filosofia

\* Este texto retoma e resume, com alterações, parte do estudo inserido em SANTOS, Zulmira C. (2004) — «Para a história da educação feminina em Portugal no século XVIII: a fundação e os programas pedagógicos das visitandinas». In *Estudos de homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Porto: FLUP, p. 987-1001; e em SANTOS, Zulmira C. (2007) — *Literatura e espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida [1722-1804]*. Lisboa: FCT-FCG. KEMMLER, Rolf; ASSUNÇÃO, Carlos; e FERNANDES, Gonçalo (2010) — «A primeira gramática portuguesa para o ensino feminino em Portugal (Lisboa, 1786)». *Diacrítica* 24-1, p. 373-394.

<sup>10</sup> *Historia da Vizitação*. In SANTOS, Zulmira C. (2007) — *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida [1722-1804]*. Lisboa, FCG.

Moderna», o percurso traçado, na aprendizagem das línguas, revela-se rigoroso e preciso. As alunas começariam pelo estudo da gramática portuguesa, cujo conhecimento facilitaria o acesso a outros idiomas. Passariam em seguida ao francês e «estando correntes», porque eram «obrigadas a fallar continuamente», acediam ao italiano e depois ao latim. Só as que expressamente o desejassem aprendiam inglês, asserção que deixa supor tratar-se do aproveitamento da existência de duas irmãs irlandesas, susceptíveis de leccionarem a língua em causa. O programa comportava ainda o estudo da Geografia, de alguma história Sagrada, cravo e solfa, o ensino da costura, da renda e do bordado de branco «e de oiro e matizes».

O estudo de um leque de línguas vulgares constituído pelo francês, italiano e inglês – que, como se acentuou, Teodoro de Almeida considerava um segundo patamar de aprendizagem, logo depois das primeiras letras – não surpreende, na medida em que os escassos exemplos documentados de saberes femininos nestas áreas e para estes grupos sociais, em Portugal, a partir, essencialmente, da década de cinquenta, corresponde na globalidade a este padrão de conhecimento<sup>11</sup>. Aliás, os estudos sobre os programas pedagógicos das visitandinas em geral revelam que o modelo original, numa ordem que não tinha nascido com tais objectivos, se applicava com alguma elasticidade. No seio da comunidade de Aurillac, por exemplo, as meninas aprendiam «le latin, l'arithmétique et le chant»<sup>12</sup>.

No caso português, que Teodoro de Almeida certamente adaptou de modelos que conheceu quando esteve em Annecy e Auch, este núcleo programático orientava-se para dois campos diversos: o do desenvolvimento intelectual propriamente dito, investindo na competência linguística, na geografia e na música e o da habilidade manual, traduzida na confecção de rendas e bordados, como formas úteis de ocupar o tempo livre sem cair na ociosidade, razões que, como é sabido, vinham a ser repetidas não apenas por muitas das formulações de humanistas e moralistas ao longo de todo o século XVI, e mesmo bem antes, mas, muitas vezes também pela literatura ficcional dirigida ao público feminino ou pelos tratados de comportamento social de vocação «disciplinadora».

Teodoro de Almeida confere a este «regulamento» uma particular dimensão pragmática, no sentido em que não se demora em considerações de natureza

<sup>11</sup> SANTOS, Zulmira C. (2002) — «Percurso e formas de leitura 'feminina' na segunda metade do século XVIII». Revista da Faculdade de Letras, Série de Línguas e Literaturas, II Série, vol. XIX, p. 71-110. CABRITA, Lígia Maria Sánchez Coelho da Silva (2011) — *A representação da mulher no pensamento dos filósofos iluministas portugueses*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado em Estudos Românicos.

<sup>12</sup> SARRET, Philippe (1997) — «La vie interne d'une communauté: les visitandines d'Aurillac». In *Vocations d'Ancien Régime. Les gens d'Église en Auvergne aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles*. Revue d'Auvergne, n° 544-545, p.165. DUVIGNACQ-GLESSGEN, Marie-Ange (1994) — *L'Ordre de la Visitation à Paris*. Paris: Les Editions du Cerf, p. 240-244.

teórica, provavelmente porque lidava com um programa já largamente experimentado que, certamente com outros contornos, conhecia bem pelo contacto com as discípulas de Jeanne Frémyot de Chantal de Bayonne e Annecy, durante o período em que residiu em França e esporadicamente na Sabóia, entre 1768 e 1778. Em todo o caso, e tal como parece comum aos diferentes pensionados, deve ter procedido a adaptações, circunstância que o faz enfileirar com Martinho de Mendonça de Pina e Proença, para os «meninos nobres»<sup>13</sup>, e L. A. Verney<sup>14</sup> e Ribeiro Sanches<sup>15</sup>, para as considerações sobre a dimensão feminina – cada um no seu tempo particular e de modo também específico – no limitado conjunto de autores que, em Portugal, no século XVIII, se preocuparam com a discussão e elaboração de programas pedagógicos. Aliás, pelo que respeitava às meninas, estes programas mais não faziam que revalorizar as propostas humanistas, reproduzidas, de algum modo, nos modelos formulados por Fénelon ou Rollin, que em muito inspiraram os quadros pedagógicos das Luzes declinados no feminino, sobretudo em Portugal.

O programa ministrado às pensionistas da Visitação privilegiava um padrão de sociabilidade que ia de encontro à voga de assembleias e salões, evidenciando, simultaneamente, a possibilidade de perfeição em qualquer estado, no sentido da projecção e da circulação do modelo das «cortes santas». Enfatizando a competência nas línguas vulgares e na música intentava desenvolver, bastante salesianamente, através destas jovens que, pelo menos em teoria, deveriam ser aristocratas, modelos de comportamento devoto que preservavam a capacidade de «brilhar» nos círculos de corte, mas se queriam modelos de «perfeição» feminina. O itinerário pedagógico da Visitação portuguesa configurava, assim, na globalidade, um paradigma de educação religiosa que comportava a abertura a alguns saberes reputados como essenciais para as donzelas nobres, criando simultaneamente um padrão de dama de corte que não ignorava as línguas ou as actividades artísticas que cimentavam a sociabilidade, mas as enquadrava numa abrangente matriz devota como padrão de conduta.

O programa proposto dedicava-se ainda a determinar o uniforme usado pelas pensionistas, explicando como o uso de uma fita carmesim com um laço, mais larga ou mais estreita, pretendia traduzir o estado de adiantamento nos estudos, criando emulação entre as jovens. No entanto, o texto dedica bem mais

<sup>13</sup> PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e (1734) — *Apontamentos para a educação de hum menino nobre que para seu uso particular fazia*. Lisboa Occidental: Na officina de Joseph Antonio da Sylva. In GOMES, Joaquim Ferreira Gomes (ed., 1964) — *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

<sup>14</sup> VERNEY, Luís António (1746) — *Verdadeiro Método de Estudar*. Ed. de António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, 1952.

<sup>15</sup> SANCHES, A. Nunes Ribeiro — «Cartas sobre a educação da mocidade (Colónia, 1760)». In CORREIA, M. (ed., 1959) — *Obras*, vol. I. Coimbra, Por Ordem da Universidade de Coimbra, p. 201-366.

espaço a examinar os castigos, excluindo os corporais, porque eram meninas «nobres e se crião com animos nobres», sublinhando a atenção que haveria que prestar a todas as questões relativas ao comportamento e conduta em público. Sempre que necessário, as mais pequenas eram privadas de brincar ou obrigadas a ir para a cama imediatamente a seguir ao jantar. Às mais velhas impedia-se a comunhão em «algum dia grande, ou dia de alguma devoção que se concede às outras». O texto revela um claro investimento na dimensão afectiva, – que não surpreende, bem pelo contrário, no contexto da Visitação, tendo em conta a sua origem «salesiana» – realçando o autor que as repreensões «galantes e suaves» se afiguravam as mais eficazes no percurso visando um comportamento modelar.

O ponto particular reservado à «Modestia e Gravidade» visava, essencialmente, uma espécie de gestão do corpo em cerimónias públicas, comum aos diferentes tratados de civildade que percorriam o século, insistindo na obrigação de manter um rosto «natural e alegre», olhos «nem abertos com dessolução nem baixos com assustação», postura direita e suave, não tratar as companheiras por tu, não beber água sem licença, não dar nada «a alguma de suas companheiras sem consultar a Mestra, nem troca peça alguma de seu uzo sem licença»<sup>16</sup>.

No desenvolvimento da dimensão mais propriamente religiosa, presente no artigo referente ao «Fervor e Devoção» e «Da primeira comunhão que fazem as meninas na Visitação», T. de Almeida surge, uma vez mais, como director espiritual modelar, insistindo nas linhas de uma espiritualidade terna e afectiva que, aliás, lhe foi atraindo muitas críticas e censuras provenientes sobretudo de sectores predispostos a uma piedade mais «regulada». Em todo o caso, o aspecto a que o texto reserva mais espaço e atenção reside na cerimónia da primeira comunhão, evidenciando a importância e centralidade que T. de Almeida lhe atribuíu. Desde as roupas até às palavras, tudo se preserva, como se se quisesse fixar um cerimonial típico da Ordem. No final deste «Livro 5º», numa espécie de epílogo que termina a «Historia da Visitação», o autor agradece a S. Francisco de Sales, relatando o prodígio de três curas devidas à sua intercessão, pela particular protecção à Visitação de Lisboa, como se a presença do santo, em Portugal, se tornasse mais visível e evidente, pela existência efectiva das suas mais directas discípulas.

A «Historia da Visitação», que integra este Livro V, revela-se, assim, um documento importante, não apenas no conjunto da obra de T. de Almeida, mas também como preciosa e indispensável fonte para estudar os primórdios das visitandinas em Portugal. A qualidade inegável de ser da mão do oratoriano, embora, com muita probabilidade com acrescentos posteriores de outras

---

<sup>16</sup> V. *Historia da Visitação*. In SANTOS, Zulmira C. (2007) — *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida [1722-1804]*. Lisboa, FCG.



autorias, valoriza-o como repositório de informações, ainda que, naturalmente, os dados obtidos se devam cruzar com as fontes arquivísticas disponíveis que são, todavia, muitas vezes fundamentais do ponto de vista de rendas ou dotes, mas demasiado lacónicas face às vocações, às condições de ingresso ou à vida quotidiana no interior das instituições. Desse ponto de vista, e correndo o risco da interpretação individual, haverá que valorizar testemunhos que, como o de Almeida, revelam, pela própria legitimação providencialista, aspectos da vida religiosa e tendências de espiritualidade que conviveram, frequentemente de forma conflituosa, com algumas das dimensões mais «ilustradas» ao longo do nosso século XVIII.

## 2. Ursulinas e educação feminina<sup>17</sup>

Os «Regulamentos p.<sup>a</sup> as Religiozas Ursulinas. Do q. pertence à instrução das Meninas»<sup>18</sup> são um manuscrito de 26 páginas, escrito a duas mãos e datado vagamente do século XVIII, com probabilidade da sua segunda metade, e norteariam as fundações de Ursulinas em Portugal: o Colégio de Pereira do Campo de Coimbra (1753), o Real Colégio das Chagas de Viana da foz do Lima (cerca de 1777) e o de Braga (1785) e o colégio da Misericórdia de Lisboa para a educação de órfãs (cerca de 1788).

Segundo as Constituições das Religiosas de Santa Úrsula<sup>19</sup>, no seu capítulo VI «Da clausura», «Permite-se às Religiosas o ter Educandas em um apartamento ou lugar separado, mas fechado dentro da clausura do Mosteiro, no qual elas habitarão, comerão, dormirão e serão instruídas por quem a Superiora ordenar» e «Haverá um lugar separado na clausura com suas classes ou escolas, aonde as donzelas de fora virão para serem ensinadas». Havia, portanto, «dois colégios de meninas: um de internas, chamadas porcionistas ou pensionistas, geralmente constituído por meninas nobres e ricas que podiam pagar a sua hospedagem e educação; e outro público, gratuito, aberto à comunidade civil, destinado às educandas pobres ou de menos recursos»<sup>20</sup>. As primeiras estavam sujeitas à clausura; as segundas não.

Estes Regulamentos para a instrução de meninas estão divididos em duas partes: a primeira dedicada às discípulas internas e a segunda às externas. Na Primeira Parte, temos os capítulos<sup>21</sup> «Da ordem das classes», «Do regulamento

<sup>17</sup> O texto que se segue é da autoria de Helena Queirós.

<sup>18</sup> ADB, Fundo Monástico-Conventual, U 16.

<sup>19</sup> Transcritas por ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da — *O Real Colégio das Chagas do Convento das Ursulinas. Instrução de Meninas em Viana 1778-1884*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995, p. 224-268. Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea.

<sup>20</sup> Idem — *Ibidem*, p. 125.

<sup>21</sup> Transcrevemos os títulos de acordo com a nossa edição.

da Madre Prefeita das educandas», «Regulamento das mestras das Classes», «Do regulamento dos exercícios espirituais das educandas» (subdividido em «Do modo como deve a mestra instruir as educandas nas cousas de piedade e como devem fazer o catecismo», «Do que a mestra deve fazer para fazer confessar as educandas», «Para a comunhão», «De como se devem instruir as educandas para a primeira comunhão», «Como se devem instruir as educandas para receber o sacramento da confirmação», «Modo de fazer-se oferecer a Deus as educandas»), «Da mestra de escrever», «Da mestra da conta e da ortografia», «Das mestras dos instrumentos e das que ensinam a ler o Vulgar e Latim etc.», «Das mestras de renda, costura e de toda a casta de labor», «Regulamento para quem tem cuidado da roupa de linho e de cor» (que inclui «Regulamento das que têm cuidado das cousas de comer» e «Regulamentos para todas as mestras em geral») e «Regulamento das que penteiam e vestem as educanda[s]».

Na Segunda Parte, o capítulo I ocupa-se de certas questões gerais relativas às externas (localização das classes, número de meninas e de mestras, procedimento ao entrar para as classes, horário das actividades, etc.). Seguem-se «Regulamento do que a Madre Prefeita deve fazer e praticar com as discípulas externas», «Regulamentos das mestras das discípulas externas» e «Regulamento das discípulas externas», que inclui «Da ordem que devem guardar nos dias que vão à classe».

Este documento explana não só as matérias que deveriam ser ensinadas, como ainda as estratégias pedagógicas a adotar, apresentando indicações práticas (como pegar na pena, postura, colocação do papel, etc.). A especificação do gesto insere-se num sistema clássico<sup>22</sup>. Entre os 104 volumes compendiados no inventário de 20 de agosto de 1884<sup>23</sup>, constavam: Dicionário Português-Francês, Dicionário Italiano-Português, Gramática Francesa, Método Francês, Gramática Italiana, Compendio de Música, Teatro Eclesiástico, Diálogos entre Discípulo e Mestre<sup>24</sup> e uma Arte Nova de Escrever, que seria, provavelmente, a *Nova Arte de Escrever*, de António Jacinto de Araújo, publicada em Lisboa, em 1793<sup>25</sup>. Parece, pois, bem dotada a biblioteca e atualizada, para servir os

<sup>22</sup> Sobre manuais de escrita espanhóis nos séculos XVI e XVII e a sua fortuna no resto da Europa, veja-se MARTÍNEZ PEREIRA, Ana (introd.) — *Francisco Lucas. Arte de escribir*. Calambur, 2005.

<sup>23</sup> ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da — *Ibidem*, p. 144.

<sup>24</sup> Se a cartilha, com um conteúdo básico composto por alfabeto, silabário e textos da Doutrina cristã, constituía «El primer material del que disponía el niño para adquirir estas destrezas», «En ocasiones este contenido se ampliaba con algún diálogo entre maestro y alumno en el que se repasaba el catecismo o se trataban temas relacionados con las buenas costumbres y se desarrollaban unas breves nociones de escritura». (MARTÍNEZ PEREIRA, Ana — *El Arte de escrever de Manuel Barata en el ámbito pedagógico de la segunda mitad del siglo XVI*. «Península. Revista de Estudios Ibéricos», n.º 1 (2004), p. 238.

<sup>25</sup> Ana MARTÍNEZ PEREIRA resume a produção caligráfica impressa portuguesa entre os séculos XVI e XVIII em «Un calígrafo español en la corte de D. João V: Marcos de las Roelas y Paz», «Península. Revista de Estudios Ibéricos», n.º 0 (2003), Instituto de Estudios Ibéricos / Faculdade de Letras da Universidade do

objetivos pedagógicos das Ursulinas.

As internas estavam divididas por mestra de escrever, mestra da conta e ortografia, mestra dos instrumentos, vulgar e latim, mestra de renda, costura e labores. Havia diferentes mestras segunda as matérias, o que era prática comum no século XVIII<sup>26</sup>. Percebemos três grandes áreas em que se dividia o ensino: o ensino religioso, moral e civil, compreendendo o catecismo, a preparação para a primeira comunhão, exercícios espirituais; o ensino literário, compreendendo ler, escrever (e isto quer em Latim, quer em vulgar) e contar; o ensino artístico, compreendendo costura e renda e a música.

Há também uma série de instruções quanto a higiene (tratamento da roupa, conservação dos alimentos, cuidados ao pentear e vestir as educandas, asseio pessoal) e civilidade (boas maneiras e regras de convivência), recorrentes neste tipo de regulamentos<sup>27</sup>.

Preconiza-se a prática da emulação e do que hoje chamaríamos «reforço positivo». A emulação foi, como se sabe, muito desenvolvida pelos Jesuítas. Pressente-se igualmente a sensibilidade inaciana no cuidado especial para com aquelas que estivessem indispostas e na leveza dos castigos. A proximidade das Ursulinas aos Jesuítas rasteia-se, pelo menos, aquando da sua fundação, em 1608, em Paris, tendo sido os mesmos a redigir os seus estatutos, baseados na Regra de Santo Agostinho<sup>28</sup>. Poder-se-ia dizer que os Jesuítas estão para a instrução masculina, como as Ursulinas para a feminina. Aliás, a cartilha do padre Inácio Martins (S.J.) é indicada no ponto 3, capítulo XXIX, das Constituições das Ursulinas. Um dado muito curioso é o facto de se preconizar que as alunas mais adiantadas se ocupem de outras, o que poderá ser eco da própria *Ratio Studiorum*. O marquês de Pombal considerava-as criaturas afetas à Companhia de Jesus porque usavam hábito com roupeta e os inacianos eram os encarregados dos seus negócios. Para a sua instalação em Portugal, valeu a tenacidade de D. Luiza Botelho, fundadora de Coimbra<sup>29</sup>, o que ainda se fez sob os auspícios do jacobino D. Miguel da Anunciação.

Quanto às recriações, defende-se o princípio do *prodesse ac delectare*, tão ao

Porto, p. 354-368. Para tipologias de manuais considerados em função das matérias tratadas, veja-se MARTÍNEZ PEREIRA, Ana — *Manuales de escritura de los Siglos de Oro. Repertorio Crítico y Analítico de Obras Manuscritas e Impresas*. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2006, p. 53-56. Segundo a autora, existem artes de escrever (ensino do traçado das letras *tout court*); artes de escrever e ortografias e/ou gramáticas; artes de escrever e artes de contar; compêndios que tratam de quase todas as disciplinas (arte de escrever, aritmética, ortografia, gramática), frequentes, sobretudo, no século XVIII; coleções de amostras e alfabetos, utilizados como modelos nas classes.

<sup>26</sup> Idem — *Ibidem*, p. 69.

<sup>27</sup> Veja-se SONNET, Martine — *L'Éducation des Filles au Temps des Lumières*. Paris: Cerf, 1987, p. 150-160.

<sup>28</sup> Ainda antes da constituição como ordem religiosa de clausura, o que chegou a 13 de junho de 1612, com o Breve do Papa Paulo V. ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da — *Ibidem*, p. 56.

<sup>29</sup> Idem — *Ibidem*, p. 68.

gosto da Contrarreforma, ambiente que viu nascer este Instituto, e proíbem-se os entremezes e outros jogos pouco decorosos e ainda os «recados», o que não era inédito à época<sup>30</sup>. É o velho receio de que «le siècle envahisse le cloître» e «l'horreur des mélanges»<sup>31</sup>, consubstanciado ora no desfasamento dos horários em relação à comunidade, ora nas folgas «para não andarem a vir pelas ruas em dias tão tumultuosos», ora por estarem externas e internas divididas pela clausura, ora na proibição de recados e jogos profanos.

Da leitura das instruções das externas adivinhamo-las menos «controladas». Já no caso das internas, a educação é mais «fina», o que, de resto, não surpreende. Note-se o concretismo das descrições, nomeadamente da comunhão na grade.

Parece ser possível concluir que, embora separadas, já que as internas estavam sujeitas à clausura, internas e externas partilhavam objetivos e métodos pedagógicos. As externas somavam à sua formação colegial a doutrina cristã. Também a semana escolar, as férias e os feriados eram iguais.

Aqui entrevemos um programa de ensino desenvolvido pelas Ursulinas cujo máximo expoente seria o Colégio de Coimbra, o qual, segundo Fortunato de Almeida, «foi talvez a mais afamada casa de educação feminina em Portugal»<sup>32</sup>, chegando a incorporar religiosas professoras estrangeiras na docência. Por outro lado, pelo menos para o caso de Viana, as educandas eram oriundas dessa cidade, do Porto, Braga, Valença, Barcelos e de todo o Alto Minho, mas ainda de Lisboa e Olivença, o que parece dizer do seu prestígio<sup>33</sup>. Não obstante, não se nos afigura, pelo menos pelo que deixa ver, mais completo do que o das Visitandinas. Com efeito, estas tinham ainda gramática francesa, italiana e inglesa, sendo aliás a primeira tão usada como a portuguesa<sup>34</sup>. O estudo destes idiomas parecia, aliás, corresponder a um modelo pedagógico concreto,

<sup>30</sup> Vejam-se, a título de exemplo, o caso das Devassas do Convento de S. Salvador de Braga em QUEIRÓS, Maria Helena Cunha de Freitas — *D. Fr. Luís de Santa Teresa (O.C.D.), Director Espiritual e Biógrafo. A Inacabada Vida de Josefa Maria da Trindade (O.S.B.)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008, 2 tomos, p. 83 e 84. Dissertação de Mestrado em Culturas Ibéricas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2008, p. 83 e 84.

<sup>31</sup> SONNET, Martine — *Ibidem*, p. 143-144.

<sup>32</sup> ALMEIDA, Fortunato — *História da Igreja em Portugal*, volume III, p. 99.

<sup>33</sup> ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da — *Ibidem*, p. 143.

<sup>34</sup> Sabemos, contudo, que no Colégio de Coimbra, em 1853, o programa de ensino era bem mais completo, nomeadamente ao nível das línguas, incluindo também gramática portuguesa, francesa, italiana e inglesa. Elencaremos rapidamente as matérias lecionadas: catecismo, preparação para a primeira comunhão, prática dos exercícios religiosos e cristãos, explicação sucinta do Evangelho e aplicação moral de todas as suas máximas aos usos da vida, princípios e regras da civilidade, ler, escrever e contar, desenho linear com aplicação aos labores e bordadura, Geografia, cosmografia portuguesa, noções de cosmografia e cronologia, História Sagrada do Antigo e Novo Testamentos, História Profana, especialmente a portuguesa, Mitologia, princípios, regras e usos gerais da economia doméstica, noções elementares de higiene, ponto de malha, fazer meia, rendas, costura, bordadura, Música, cantar e tocar piano, arte floral e desenho (RIBEIRO, José Silvestre — *História dos Estabelecimentos Científicos Litterarios e Artísticos de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871-1893, Tomo XI, p. 89-90).

correlato de um «modelo de comportamento devoto na corte»<sup>35</sup>. Quanto à aprendizagem da música, os Regulamentos das Ursulinas referem-se somente a «instrumentos»; das Visitandinas sabemos que estudavam solfa e cravo.

Nos Regulamentos das Ursulinas são parcas as referências a castigos, enfatizando-se sempre a brandura e a compaixão. No caso das Visitandinas, havia castigos, mas, obviamente, nunca corporais: ficavam privadas de brincar ou iam para a cama logo depois do jantar. Privar as mais velhas de comungar seria pena bem sentida.

No seu Livro V, acerca do Seminário das meninas, Teodoro de Almeida fala do «vestido e toucado» que deveriam trazer: «Todas trazem de semana os seus vestidos de lã ou chita como pede a estação do tempo e da cor que mais lhe agrada; por quanto o uniforme he só para o Coro e Actos de Cerimonia. O uniforme porem he deste modo: hum vestido preto de lã com a sua Cauda; os canhoens de tafeté carmezim, como tambem a fita do cabelo e outra que cahe sobre o lenço do pescoço para suspender a cruz de prata propria da Vizitação. Duas argolinhas de oiro nas orelhas e huma fitinha preta no pescoço, vental de cambraia e véo de cambraia na cabeça». As disposições de vestuário não estão presentes nos Regulamentos das Ursulinas, mas sabemos que usavam o hábito de Santo Agostinho.

Quanto à origem socioeconómica, o programa de Teodoro de Almeida está voltado exclusivamente para a educação das meninas nobres, ao passo que o das Ursulinas abrange outros estratos sociais. Embora se considerasse o ensino gratuito, havia uma propina destinada a gastos de alimentação e hospedagem, inicialmente no valor de «40\$000 reis por mês, paga em dois semestres, tendo passado para 50\$000 reis na 1ª década de 1800»<sup>36</sup>. Resulta claro que as famílias teriam que ser pelo menos abastadas para suportar os custos da entrada.

Estes Regulamentos permitem já perceber um pouco o que era o programa de estudo das Ursulinas em Portugal. Contudo, seria interessante traçar a filiação europeia deste modelo pedagógico, o que ultrapassa o âmbito deste trabalho. Se cotejarmos estes Regulamentos com os das Ursulinas Francesas ou se os confrontarmos com as propostas de educação coevas, que continuidades e que diferenças? E como interpretá-lo?

<sup>35</sup> SANTOS, Zulmira — *Literatura e espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida: (1722-1804)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007, p. 139.

<sup>36</sup> ROCHA, Manuel Inácio Fernandes da — *Ibidem*, p. 143.

### **Critérios de Edição**<sup>37</sup>

Trata-se de uma edição modernizadora, muito embora venha ao de cima o desejo de não alterar demasiado os textos. O critério – subjetivo, claro está – foi o de alterar somente quando estavam em causa a inteligibilidade e fluidez da leitura.

Nesta conformidade:

1. Modernizei todos os casos de metáteses («premissão», «ofercerão» etc) e outras formas, ainda que se conservem hoje em registos populares (ex.: «câmera», «véspera», «tãobem» etc). Estas correções não constam do aparato crítico.
2. Atualizei o texto à luz das normas ortográficas e morfológicas vigentes. O mesmo para a distribuição de minúsculas e maiúsculas. Estas correções não constam do aparato crítico.
3. Eliminei palavras repetidas e outros *lapsi calami*. Estas correções constam do aparato crítico.
4. Desenvolvi as abreviaturas. Estas alterações constam do aparato crítico.
5. Introduzi pontuação e acentuação;
6. Procedi a correções de natureza morfológica e sintática. Estas correções constam do aparato crítico.
7. Eliminei os sublinhados do original, mas fazendo-os constar do aparato crítico.
8. A adição de letras, caracteres ou palavras indica-se por meio de [ ].
9. Optámos por grafar na edição a palavra «Jesus» quando no original estava «Jesu», sem qualquer referência à nossa alteração. Porém, se, na globalidade do original, existe flutuação entre «Jesu» e «Jesus», indicamos a nossa alteração por meio de [ ].
10. Em aparato crítico, indico, à esquerda a opção do editor e, separado por dois pontos, o que constava do original, referenciado como *REG* para «Regulamentos» ou *VIS* para «Visitandinas». Faço ainda outras observações relativas a apresentação / disposição física do texto no original, nomeadamente, no caso de que certa palavra / expressão / frase fosse introduzida entrelinhas ou à margem e ainda no caso de rasuras.

---

<sup>37</sup> Modernização dos textos da responsabilidade de Helena Queirós.

## Livro 5

### Do seminário das meninas. Pensionato<sup>38</sup>

Não é razão que, dando nós uma notícia exata e miúda desta fundação, deixemos de, com mais individuações de uma parte dela que tem concorrido muito para a boa aceitação deste mosteiro, como temos dito e agora veremos.

Principiou o pensionato no dia de Santa Ana do ano de 1784. Pregou o Superior dos Barbadinhos italianos, chamado o padre Fr. Adriano, homem grande em todo o género, que nos deixou, pela sua morte na idade de 37 anos, uma bem grande saudade, igual ao seu merecimento.

Entraram nesse dia 5 meninas: D. Maria do Carmo e Aguiar, que hoje se acha professa; mademoiselle Dufour, que hoje se acha em França na companhia de sua irmã, e as três irmãs Silveiras, que ainda hoje persistem com muito adiantamento e satisfação de seus pais. Depois disto, foram entrando várias meninas nobres e algumas ilustres, que fazem número de 41. Mas, como não é possível ir dizendo de cada uma o que nela há que louvar ou que admirar, iremos percorrendo por vários artigos em geral, dizendo então se há algum caso particular, cuja narração interesse.

## IIº

### Da educação

Como já o número de meninas é bastante, já se pode ver qual é a sua educação. Ensinam-lhes a ler, escrever, contar e a religião. Além disso, se lhes ensina a gramática portuguesa, a qual lhes serve de muito e de porta para as gramáticas francesa, italiana, latina, inglesa, por que todas estas línguas se lhes ensinam por princípio, se as querem aprender. Também se lhes ensina a coser, meia, renda e bordar de branco e de oiro e matizes; e ultimamente solfa, cravo e geografia.

Mas o que mais admira nestas meninas, ainda nas de mui pequena idade, é a gravidade e modéstia em todos os atos públicos, fazendo-se objeto da admiração de todos.

### Do vestido e toucado

Todas trazem de semana os seus vestidos de lã ou chita, como pede a estação do tempo, e da cor que mais lhes agrada, porquanto o uniforme é só para o coro e atos de cerimónia.

O uniforme, porém, é deste modo: um vestido preto de lã com a sua cauda; os canhões de tafetá carmesim, como também a fita do cabelo e outra que cai sobre o lenço do pescoço para suspender a cruz de prata própria da Visitação; duas argolinhas de oiro nas orelhas e uma fitinha preta no pescoço, [a]vental de cambraia e véu de cambraia na cabeça.

---

<sup>38</sup> Pensionato: Pensionado *VIS*. Equívoco presente em todo o texto. Escusamo-nos a voltar a registá-lo em aparato crítico.

Para causar emulação e premiar o adiantamento nos estudos, dividem as meninas em 3 classes. A primeira é daquelas que estão mais adiantadas e que falam francamente o Francês e sabem bordar bem e se aplicam à música, geografia, etc. Tem por distintivo no braço esquerdo, sobre o uniforme, uma fita larga carmesim com o seu laço. As da segunda ordem, em que estão as menos adiantadas, têm por divisas uma fitinha estreita, também carmesim e com o laço no braço esquerdo. Mas a terceira, que é das principiantes, não tem esta distinção.

### **Dos castigos**

Como estas meninas são nobres e se criam com ânimos nobres, não há castigo nenhum corporal para seus crimes e todos são de mortificar o gosto ou as paixões. Os mais fortes são de privá-las de brincarem com as outras nos dias de sueto. Isto é se falamos das mais pequenas.

Outro castigo mais ligeiro é fazê-las deitar na cama, logo que acabam de ceiar, privando-as daquela hora de recreio com as suas companheiras de que elas fazem muito caso.

Para as maiores, o castigo mais sensível é privá-las da santa comunhão em algum dia grande ou dia de alguma devoção em que se concede às outras. Aqui contaremos alguns desses castigos e os seus bons efeitos.

Em uma quarta-feira da Quaresma, veio falar com o padre Almeida uma sua confessada que ainda não tinha doze anos: Vinha chorosa e, perguntando-lhe o seu confessor a causa, disse com lágrimas que a sua mestra madame Lourenço lhe dera licença para se confessar, mas não para comungar e, perguntando-lhe o motivo, respondeu que tinham feito queixa dela à sua mestra de que não estava no coro com a decência devida. E, replicando a perguntar o confessor se isso era assim, respondeu que a consciência não a acusava. Então o padre a consolou e, depois de a confessar, a alertou a que sofresse com paciência aquele imputado crime, em memória dos que imputaram<sup>39</sup> ao Senhor Jesus na sua Paixão. Recebeu o conselho, lamentando-se que havia tanto tempo que não comungava (tinha comungado<sup>40</sup> no domingo p[r]ecedente) e, apresentando-se à sua mestra, lhe disse que o padre Almeida a confessara, mas que, quanto à comunhão, deixara isso à disposição da sua mestra. Ela então lhe declarou o crime e disse assim: «Nem menos de 3 religiosas me têm dito que vós no coro estais com inquietação, ora tirando o lenço, ora metendo-o na algibeira, ora abrindo o livro, ora fechando-o e que muitas vezes ledes pelo índice do livro e em lugar de vos ocupardes com as orações e não é este o modo estar na presença

<sup>39</sup> imputaram: imputerão *VTS*.

<sup>40</sup> comungado: comingado *VTS*.



do Senhor. Amanhã<sup>41</sup> não comungareis; comungareis domingo». A humildade e a emenda foram conhecidos prémios desta submissão.

Esta mesma menina teve um ameaço das mesmas penitências que produziu<sup>42</sup> um grande efeito. Foi o caso: pouco menos de seis meses havia que esta menina tinha entrado, tendo<sup>43</sup> sido criada com muito mimo, e não tinha instrução alguma quando viera. Seu pai, indo visitá-la, se informou de como ia sua filha e lhe responderam que se ia desembaraçando bem no Francês. Achou que era pouco o adiantamento para quase<sup>44</sup> seis meses e, não obstante o dizer-se que tinha aprendido a ler muito bem e a escrever com asseio, a contar e a sua religião, a coser e a bordar, tudo isto achava pouco por tantos meses, que tanto cega muitas vezes o ânimo, amor dos pais, que chega a persuadi-los que geraram Anjos e não criaturas humanas, cuja herança e dote primitivo é a ignorância. Sobreveio neste tempo a Madre Mestra e respondeu à queixa do pai que, se a filha não falava o Francês, era por acanhamento e entendia tudo quanto eles estavam falando.

Acabada a visita, foi esta menina chamada pela Madre Mestra, a qual lhe disse: «Vós, menina, fostes testemunha do dissabor que tive com o vosso pai por não falardes Francês. Vós o sabeis e por acanhamento o não quereis falar. Eu vos protesto que nem mais uma palavra vos direi nesta matéria; fazei o que quiserdes, mas seguro-vos que se daqui até dia da Conceição vos ouvir uma só palavra em Português, não haveis de comungar em dia da Conceição». Pronunciada a sentença, se retirou a Madre Mestra e a menina tomou a resolução de nunca mais falar senão em Francês, fosse como fosse. Sete dias depois voltou o pai (que ignorava o que se tinha passado) e procurou sua filha. Entrou ela no locutório falando espontaneamente em Francês ao pai, que ficou admirado; foi respondendo em Francês e a conversação se continuou. Tentou-a o pai, falando em Português, mas a filha, tremendo o formidável raio da penitência, foi sempre respondendo em Francês e teve a consolação de comungar no dia da Conceição da Senhora, prémio bem estimado por ela do seu grande trabalho e obediência.

Outro castigo mais forte se deu a uma menina por<sup>45</sup> haver dito certa mentira, que veio aos ouvidos de sua Mestra. Perguntou-lhe ela diante de algumas pessoas pelo objeto da mentira e a menina a sustentou, não querendo confessar o seu crime em público. A Madre Mestra, que estava bem informada, foi argumentando e apertando e, enfim, a menina houve de ceder e confessar com lágrimas que havia mentido. «E como assim – replicou a Madre Mestra –

---

<sup>41</sup> Amanhã: á manhã *VIS.*

<sup>42</sup> produziu: peoduzio *VIS.*

<sup>43</sup> entrado, tendo: entrado e tendo *VIS.*

<sup>44</sup> quase: quazi *VIS.*

<sup>45</sup> por: poe *VIS.*

vos atreveis<sup>46</sup> a dizer uma mentira e a sustentá-la?! E isto sendo vós das meninas que já comungam! Não<sup>47</sup> cuidei que vós fôsseis capaz de semelhante crime!» Lançou-se-lhe a menina aos pés a pedir perdão e a sua Mestra respondeu compassiva e severa: «Eu de boa vontade vos perdoarei, porque também desejo que Deus me perdoe a mim, mas é preciso que primeiro Deus vos perdoe e que a vós perdoem as vossas companheiras, que todas estão escandalizadas. Ide ao pensionato pedir perdão às vossas companheiras», o que ela executou com pontualidade e, vindo a dar contas do que feito havia, para conseguir o perdão da Madre Mestra, lhe pediu que lhe ensinasse alguma penitência oportuna para que Deus lhe perdoasse. Então a Madre Mestra, considerando um pouco lhe disse: «Eu creio que vós não estais hoje capaz de entrar no coro. E assim, quando as vossas companheiras entrarem a fazer a sua oração costumada, vós ficareis à porta pedindo a Deus perdão».

Assim se executou e, à hora costumada, entrando todas segundo a sua ordem, a menina criminosa ficou de joelhos fora da porta, lavada em lágrimas e sumindo-se pelo chão, em certo modo, pela confusão e arrependimento em que estava, acompanhando-a com lágrimas de ternura todas as pessoas que a viam. Acabado o tempo da oração, foi abraçada pela mestra e companheiras, que ficaram muito mais edificadas da sua humildade, do que haviam sido escandalizadas<sup>48</sup> da sua mentira.

Não é razão que passemos em silencioso outra ameaça de castigo, que por graça se fez e foi motivo de grande divertimento e prova de candura e de inocência de uma menina. Tinha ela pouco mais de quatro anos de idade; estava ali por recomendação de Sua Majestade, pois em três semanas esta menina e mais duas irmãs haviam perdido pai e mãe, ficando todas três em pouca idade.

A Madre Assistente, que então era a madame Ferrée, achando-se no regaço com algumas amêndoas, deu o seu quinhão a algumas meninas<sup>49</sup>, que à roda dela estavam<sup>50</sup> e coube a sua porção a D. Maria Benedita de Vasconcelos, de quem falamos. Como era muito viva, em certo movimento que fez a Madre Assistente, lhe furtou três amêndoas; foi percebida e a Madre Assistente, com ar sério<sup>51</sup> lhe disse: «Minha menina, vós não sabeis que é lei em Portugal que quem furta é enforcado? Vós furtastes amêndoas, tende paciência, que vos hei de matar. Tenho bem pena porque sou vossa amiga, mas não há remédio: haveis de ser enforcada. Ide-vos despedir da vossa mãe.» Pontualmente a inocente se

<sup>46</sup> vos atreveis: vos atreveis-vos *VIS*.

<sup>47</sup> Não: Nãoa *VIS*.

<sup>48</sup> escandalizadas: excandalizadas *VIS*.

<sup>49</sup> meninas: menianas *VIS*.

<sup>50</sup> estavam: esravão *VIS*.

<sup>51</sup> sério: série *VIS*.

foi despedir da Madre Superiora, do qual nada sabia, mas, ouvindo a relação do crime e a sua sentença, respondeu que sentia muito aquela desgraça, mas que ela não podia ir contra as leis do Reino. Abraçou-a m[u]ito, reprimindo com dificuldade o riso.

Com esta tácita permissão da Superiora, se foi a criminosa apresentar à Madre Assistente, a qual [a] mandou também despedir de sua Mestre. Continuou esta o engano começado e, com lamentação fingida, abraçou a sua discípula, significando-lhe o grande sentimento de tamanha desgraça. Já com este segundo passaporte para a morte merecida representou D. Maria Benedita a Madre Assistente. Bem custava a esta sustentar o papel nesta tragédia e lhe ocorreu perguntar-lhe se se tinha despedido de sua tia. «Mas ela não está cá hoje...» – respondeu a criminosa – e a Madre Assistente, abafando o riso com um enfado de admiração, lhe disse: «Pois, menina, que dirá vossa tia se vier cá e eu vos tiver morta sem vos despedirdes dela? Esperemos que ela venha para vos despedirdes e então eu vos matarei.» Com gosto aceitou a suspensão da morte, mas a este momento sentiram rodar uma carruagem e a pequena foi voando a ver se era a tia e veio alvoroçada dizendo em altas vozes: «Não é minha tia, não é minha tia!» e ficou diferida a sentença por alguns dias.

Nestes sucedeu que a Rainha fosse visitar as religiosas e a menina, insinuando-se por entre as religiosas, foi com todo o desembaraço contar à Rainha que a Madre Assistente a queria enforcar porque ela tinha furtado três amêndoas.

A Rainha se informou do caso e houve por bem dizer que não dava licença para que a enforcassem. Então, triunfante, a menina passava diante da Madre Assistente e lhe disse mui ufana: «Não há de matar, não há de matar!», celebrando a Rainha e as pessoas reais a intentada tragédia da inocente.

Em outra ocasião percebeu a Madre Mestre que certa menina estava no coro com inquietação, voltando a cabeça para olhar para outras. Observando isto, se levanta, pega nela em peso e a pôs de joelhos voltada para a porta do coro dizendo: «Vede, minha menina, à vossa vontade o que quereis ver. Não vos estejais mortificando em olhar para trás, estando voltada para diante». Julgue-se qual seria a confusão da criminosa e qual a cautela das companheiras.

Com este ar de amizade, as Religiosas todas concorriam para as fazer mui atentas a tudo o que era devoção. Sucedeu<sup>52</sup> que uma pequenina não estava mui quieta no tempo da missa, revistando com os olhos o que lhe ficava ao lado. Viu isto certa religiosa que, por galantaria, a tinha lisonjeado com o título de sobrinha e pontualmente a apeou desta dignidade e desconheceu deste parentesco. Ficaram as companheiras escarmentadas daquele castigo e, estando

---

<sup>52</sup> sucedeu: succedeo *VIS*.

na grade com o padre Almeida, lhe disseram que aquela menina já não tinha<sup>53</sup> lá ninguém que a quisesse e lhe contaram o motivo. Sobreveio neste tempo a religiosa fundadora – noutra tempo fora sua tia – e o padre Almeida intercedeu por ela. Estava então a pequenina bem junto da religiosa, a qual, lançando-lhe o braço pelo pescoço e chegando-a muito a si, desmentiu com as palavras<sup>54</sup> o que fazia com as ações: «Nada, nada. – dizia – Eu não quero sobrinhas que, em vez de atender a Nosso Senhor, estão olhando para as ilhargas no tempo da missa. Nunca eu quereirei ter sobrinhas semelhantes.» Estas galantes repreensões fazia[m] naquelas inocentes efeitos maravilhosos.

### Da sua modéstia e gravidade

Esta circunstância é<sup>55</sup> das mais plausíveis na educação das meninas. Quando no coro aparecem para alguma<sup>56</sup> função pública, lavam os olhos a todas e fazem um corpo tão grave, tão modesto, tão engraçado, que não se fartam os assistentes de olhar para as meninas e de gabá-las. Cada uma delas parece uma senhora mui respeitável, que tal é a sua postura direita, modesta e suave. Quando as mais pequenas de 4 e 3 anos ou menos vêm atrasar alguma ordem da Mestra, as que estão com as tochas ou em algum emprego, são<sup>57</sup> um objeto digno de agradável riso, porque de quando em quando fazem as suas mesuras com tal gravidade, como fariam umas senhoras da corte nos exercícios do Paço. Nenhuma volta a cabeça, nenhuma dá movimento ao corpo que não seja com muita gravidade. O seu uniforme dá nos olhos porque quarenta meninas com os seus vestidos justos, pretos e suas caudas racionais, seus lenços no pescoço cruzados ante o peito e aventais mui aseados, uma fita carmesim larga ao pescoço, donde pende a cruz de prata própria da Visitação, outra fita carmesim no cabelo, que se via através do véu de cambraia, que lhes cobre as cabeças e isto com o rosto natural de alegre, olhos nem abertos com dissolução, nem baixos com assustação. Tudo isto faz um painel vivo, porém mudo, que consola o ânimo e recreia os olhos.

Nenhuma trata as suas companheiras por tu, nem abusa para faltar à cortesia da convivência perpétua. As mais nobres e as ilustres se distinguem na civilidade e na humildade e, quando lhes escapa alguma tal ou qual palavra de menor urbanidade, se cultivam ao mesmo tempo. Como sempre falam em Francês, o tratamento de vós é geral entre todas, o que evita as enfadonhas contendas de tratamento que traz a desigualdade do nascimento.

<sup>53</sup> tinha: tinhão *VIS.*

<sup>54</sup> palavras: pappalavras *VIS.*

<sup>55</sup> é das: é a das *VIS.*

<sup>56</sup> alguma: laguma *VIS.*

<sup>57</sup> são: sãa *VIS.*

### Do fervor e devoção

N[*e*]sta matéria não poderíamos<sup>58</sup> merecer crédito, se não tivéssemos o testemunho do padre Almeida, diretor da maior parte das meninas e também o testemunho da própria mestra, que tem grande conhecimento de suas almas, o que se comprova pelos factos seguintes.

Quando é chegado o tempo da apresentação – em que, segundo a Regra, todas as religiosas têm dez dias de retiro para se prepararem para a renovação de votos – muitas meninas metem empenhos e pedem com instância que as deixem ter alguns dias de retiro, o que a sua mestra concede ou nega com muita prudência. O padre Almeida, num desses anos passados, recomendou à primeira mestra do pensionato que lhe<sup>59</sup> mandasse à grade grande as meninas que estivessem admitidas aos exercícios, para lhes fazer sua exortação<sup>60</sup> proporcionada. Quando este padre ali foi, se achou com quinze meninas, do que ficou muito edificado e, passando depois ao confessorário para que quisessem falar-lhe ali, veio uma de quase doze anos e, dizendo-lhe o padre Almeida que estava mui edificado do fervor das meninas, esta respondeu com ar mui grave: «As grandes o<sup>61</sup> querem fazer bem deveras; agora nas pequenas é alguma coisa de apetite» Metia-se aí na conta das grandes. E, com efeito, todas as religiosas confessam que muitas lhe[s] servem de grande edificação porque fazem o seu retiro com um tal fervor que, sendo religiosas, não o fariam melhor.

Aconteceu que mademoiselle Du Gourq, que teria então de idade de nove para dez anos, estava de retiro um dia em que sucedeu que a Rainha fosse à Visitação. É costume permitir a soberana as mães das meninas que entrem na clausura na comitiva real, para terem e darem consolação às pequenas. Entrou madame<sup>62</sup> Du Gourq e achou sua filha no coro, imóvel diante do Santíssimo; festejou-a e, querendo que viesse com ela ver todo o convento, como faziam às mais meninas as suas mães, a pequena lhe respondeu diante do estribeiro-mor e outros cavalheiros que haviam entrado com a Rainha: «Se não posso sair daqui porque estou em exercícios e estou assistindo ao Santíssimo». Não foram bastantes os rogos e instâncias da mãe para a [a]balarem, até que um dos camaristas, edificado e compungido do fervor da menina, procurou a m[adr]e Vitória para que lhe concedesse a licença que a mãe tão ansiosamente pedia, o que ela fez com prudência.

Uma destas meninas, quando houve de fazer os seus doze anos, pediu à sua

---

<sup>58</sup> poderíamos: poderia-mos *VIS.*

<sup>59</sup> lhe: lhes *VIS.*

<sup>60</sup> exortação: axhortação *VIS.*

<sup>61</sup> o: os *VIS.*

<sup>62</sup> madame: madama *VIS.*

mestra licença para se preparar com três dias de retiro, nos<sup>63</sup> quais queria fazer uma confissão geral. Com efeito a fez e o confessor ficou pasmado da perfeição com que a fizera, tal que seria mui louvável s[e] fosse em alguma pessoa de 40 anos. A penitente fazia várias reflexões; depois da confissão, disse ao confessor: «Ora bem viu Vossa Reverendíssima, tem visto o que Deus tem sido para comigo e o que eu tenho sido para com Deus».

Para que melhor se conheça a abundância da graça com que Deus chamava esta inocente, contaremos aqui o modo com que tomou para seu diretor o padre Almeida. Tinha este padre então somente 3 meninas por dirigidas e outro padre governava outras e, entre<sup>64</sup> elas, uma era<sup>65</sup> esta menina de quem falamos. Sucedeu que ouviu dizer à sua mestra casualmente que as dirigidas do padre Almeida eram mais fervorosas e, desde então, começou a perseguir a sua mestra que lhe dissesse o que ela havia de fazer para ser tão boa como eram as dirigidas do padre Almeida, o que deu grande consolação à sua mestra. E, para dar realce ao que dissemos, é de saber que tinha ela muito apego ao seu diretor, como também as do padre Almeida tinham ao seu, caráter próprio da Nação, de que as fundadoras se admiravam por serem tão tenras as suas idades, de sorte que serviu de recreação às religiosas<sup>66</sup> uma grande disputa que houve entre elas, sobre qual dos dois diretores era melhor. Cada qual descobria a sua razão de preferência<sup>67</sup> para o seu, no que se ouviam várias razões de muita viveza. Sobre todas, quando uma<sup>68</sup> menina, desfazendo no diretor das outras, dizia que o padre delas tinha o d[e]feito de ser surdo de um ouvido, acudiu a outra prontamente: «É a melhor cousa que ele tem, para lhe não sair por um ouvido o que lhe tiver entrado pelo outro». Contamos isto para realçar o que vamos a dizer agora. Era esta menina dirigida de outro padre como dito fica e, apesar do apego que lhe tinha, por ouvir dizer que as do padre Almeida eram mais fervorosas, entrou no pensamento de se mudar para ele. Este era objeto de sua oração, das suas súplicas<sup>69</sup> à mestra e de muitas novenas que esta lhe mandou fazer por espaço de muitos<sup>70</sup> meses, em que durou esta pretensão, até que, escrupulizando a mestra, deu parte ao padre Almeida. Este a mandou chamar à grade e lhe disse que, como ele vinha à Visitação muitas vezes em que não vinha o seu diretor, que então a confessaria e lhe ensinaria o que soubesse para ser santa, mas que lhe parecia mal mudar ela de diretor, pelo menos que ele não se atrevia a comunicar

<sup>63</sup> nos: em os *VIS*.

<sup>64</sup> entre: netre *VIS*.

<sup>65</sup> uma era: era huma *VIS*.

<sup>66</sup> religiosas: religiozsa *VIS*.

<sup>67</sup> preferência: preferencia *VIS*.

<sup>68</sup> uma: huima *VIS*.

<sup>69</sup> súplicas: Applicas *VIS*.

<sup>70</sup> muitos: muitas *VIS*.

isso ao outro padre, respondendo a prudente menina<sup>71</sup> (teria ela então 11 anos): «Isso sempre é ter dois diretores: o melhor será dizer-lho eu mesma» Aprovou o padre Almeida esta resolução por ser mais própria de um coração sincero, mas que se admirava de que ela tivesse valor para tanto, sabendo muito<sup>72</sup> bem que isto havia de ser sensível ao seu diretor pelo muito que a estimava, ao que respondeu a menina: «Por Deus tudo se faz». Não tardou a ocasião e, sendo chamada esta menina pelo seu diretor, ela com ânimo lhe disse assim: «Eu tenho um padre que quer fazer uma pergunta a Vossa Reverência. Uma pessoa tem um diretor, que tomou por certa razão política, mas não tem abertura do coração com ele, nem lhe pode dar, sem muito custo, conta do<sup>73</sup> seu interior, ao mesmo tempo que o coração se lhe inclina para outro diretor, com quem facilmente se abrirá. Essa pessoa faz bem em mudar de diretor?». Respondeu o padre Almeida que sim, porquanto sem abertura de coração não podia haver aproveitamento espiritual; então se declarou de todo e obteve a aprovação da mudança que intentava e com muito gosto se veio entregar à direção do padre Almeida, que louvou a Deus pelo fervor, prudência e descrição desta inocente, que se tem adiantado muito no caminho do Senhor e sirva às mais de modelo e exemplo, de forma que, em quase três anos que está na Visitação, não consta que meninas, nem criadas, nem religiosas achem que repreender nesta menina. A natureza e a graça à competência a favorecem. Deus a abençoe.

Devemos aqui dizer a santa emulação com que as maiores se empenham em ser santas. A sua m[e]stra lhes dá em alguns dias especiais ou tempo mais devoto certos exercícios e práticas de virtude com que se afervoram e é pasmar ver o empenho com que se aplicam a este desafio. Duas meninas estavam desafiadas a praticar mortificações dos sentidos e, falando uma delas com o padre espiritual, lhe disse com candura em presença da companheira: «Ela tem feito hoje três mortificações, mas eu já tenho feito sete».

Uma destas meninas gostava muito de certa religiosa fundadora e, querendo mortificar-se, se foi pôr no lugar por onde ela havia de passar, com ânimo de não levantar os olhos para a ver, o que fez pontualmente.

Mui frequentemente pediam licença à sua mestra<sup>74</sup> para fazer alguma devoção particular ou jejuar algum<sup>75</sup> dia ou fazer alguma visita ao Santíssimo e a fazer alguma mortificação. A sua mestra tinha estabelecido que, para comunhar, lhe haviam de pedir licença três dias antes, em ordem a que nesses dias houvessem de se preparar para tão santo sacramento com os exercícios que

---

<sup>71</sup> menina: menine *VIS.*

<sup>72</sup> muito: muoto *VIS.*

<sup>73</sup> do: dos *VIS.*

<sup>74</sup> mestra: mestar *VIS.*

<sup>75</sup> algum: alguma *VIS.*

ela lhe mandasse. É este um dos grandes prémios que se lhes concede quando há merecimento especial, dar-lhe licença para mais uma comunhão.

Nenhuma bebe água sem licença, nem dá nada a alguma de suas companheiras sem consultar a mestra, nem troca peça alguma de seu uso sem licença. Quando os parentes dão algum dinheiro à m[e]stra para algumas bagatelas que precisassem as meninas, a mestra<sup>76</sup> muitas vezes respondia – com rara advertência – que desse esse dinheiro às meninas, «apenas que tenham – dizia – a consolação de o ter e vão aprendendo a governá-lo bem, porquanto estou certíssima que [n]em um real há de gastar sem me pedir licença».

### Da disposição para aprenderem

Não é somente para a virtude, mas também para as artes e toda a instrução que estas meninas têm disposição singular, de forma que as fundadoras ingenuamente confessam que nunca tinham encontrado m[e]ninhas com tanta disposição para aprender e para a piedade como em Lisboa, excetuando uma ou outra para quem a natureza tinha sido mais mesquinha. Meninas houve que em três meses se explicava[m] em Francês<sup>77</sup> muito suficientemente e que o pronunciava[m] muito bem. Uma das suas mestras compôs de propósito para elas um resumo da gramática portuguesa, que elas aprendiam com notável facilidade e, depois de conhecerem a organização metódica da língua materna, lhes ficava mais fácil o conhecer a organização de qualquer outra língua porque em todas sempre é a mesma substancialmente, posto que variem nas circunstâncias. Deste modo voavam na gramática francesa, que<sup>78</sup> aprendiam radicalmente e por princípios e, estando correntes no Francês<sup>79</sup>, que eram obrigadas a falar continuamente, passavam à gramática italiana. Vencida esta dificuldade (se o queriam), passavam para a gramática latina e tradução dos livros, o<sup>80</sup> que dava grande consolação às que se destinavam para as religiosas, pela inteligência que tinham dos salmos e escrituras que liam e rezavam. A mesma facilidade experimentava a religiosa inglesa nas que tomava à sua conta, pasmando da facilidade com que lhe escreviam em Inglês as suas tenras discípulas.

A divina Providência tudo foi dispondo de forma que, como dissemos, sem mestre ou mestra alguma de fora, tudo pudessem aprender com as religiosas, de forma que as obras das meninas se mostravam pela corte com admiração. Todas escreviam com um talho de letra muito bom e engraçado e escreviam as

---

<sup>76</sup> mestra: mestre *VIS*.

<sup>77</sup> Francês: Frnaces *VIS*.

<sup>78</sup> que: que a *VIS*.

<sup>79</sup> Francês: Fransez *VIS*.

<sup>80</sup> o: e *VIS*.



mais<sup>81</sup> adiantadas suas cartas em Português, Francês e Italiano, que fazia gosto a quem as lia e era este um objeto dos seus certames, em ordem a certos prémios que lhes ofereciam. Já se supõe<sup>82</sup> que eram perfeitas na costura e mais prendas femininas. As mestras da geografia e de solfa e de cravo com grande satisfação viam o ardor com que as suas discípulas se aplicavam, sendo o estímulo e a glória em louvores, que recebiam dos que viam as suas matérias, que recebiam estes louvores das pessoas reais. O que mais é para admirar é a facilidade com que se deixam instruir em qualquer matéria que seja. De ordinário voam na História da Bíblia e nos santos Evangelhos. Menina há – e não é das maiores – que decora cada dia seis Evangelhos das missas sem errar um ponto.

O padre Almeida compôs para elas um resumo de geografia local em Português e em Francês, que muito lhes facilitou a inteligência da geografia, sendo sua mestra uma religiosa destinada para isso. As que, pela sua mui pequena idade, não podiam aprender o Francês com lições regulares, aprendiam por brinco e galanteria e falavam meramente pelo uso de ouvir falar as outras.

Quem conhece o génio da Nação, não tem estas maravilhas por incríveis em Portugal porque a experiência mostra a grande viveza do engenho que aqui têm as meninas, ainda em tenra idade, em quem regularmente a inteligência se adianta dos anos. Temos visto nos nossos dias coisas que, se os olhos não fossem testemunhas, lhes não daríamos crédito. Eu vi uma menina (antes que houvesse em Lisboa a Visitação) que, na idade de cinco anos, cantava ao cravo uma ária italiana bem a compasso e um menino que, na idade de dois anos, posto no colo de sua mãe cantava com ela pedaços de outra ária de *Terra delas* e um menino que, de 20 meses, repetia com alma muitos versos que aprendia de cor com suma facilidade. Os estrangeiros que nunca estiveram em Portugal terão dificuldade em acreditar estes factos, se bem que, em Baiona, encontrou o padre Almeida um irmão de certa religiosa da Visitação (Sor Edelim) que, antes de ter trinta meses, respondia lindamente em quatro línguas: Francês, Espanhol, Gascão e Vascuense<sup>83</sup>. Chamava-se Lião Edelim.

Tudo contribuía à perfeita educação destas meninas: a vigilância de sua<sup>84</sup> mestra e o cuidado, o trabalho e paciência e jeito para as ensinar; a natureza viva, a estimação que delas fazem pessoas de distinção e, mais que tudo, a benção do santo Sales. Por tudo se deve dar glória a Deus.

### **Da primeira comunhão que fazem as meninas da Visitação**

Postas as meninas em coro, vestidas com o seu vestido de cerimónia e

---

<sup>81</sup> mais: amis *VIS*.

<sup>82</sup> supõe: suppoem *VIS*.

<sup>83</sup> Vascuense: Bascuense *VIS*.

<sup>84</sup> sua: seua *VIS*.

cobertas as cabeças com os véus brancos, o sacerdote que faz esta cerimónia, toma sobrepeliz, estola, a capa de asperges e, sentado junto da grade do coro, lhes diz assim:

«Vós, venturosas filhas de Jesus Cristo, tendes a felicidade de o ser desde a primeira infância porque vossos pais – aprovando-o assim o uso da Igreja – vos anteciparam essa felicidade que na primitiva Igreja se concedia só aos adultos, esperando-se então pelo uso da razão para escolherem os pais a Fé de Jesus Cristo, [para] entrarem na Igreja com claro conhecimento dos seus altíssimos mistérios. Porém, como corriam muito perigo de que a morte vos surpreendesse antes que recebêsseis o batismo, vo-lo antecipam ao uso da razão, suprimindo a Fé dos vossos padrinhos a que vós, nessa tenra idade, não podeis ter e respondendo eles por vós ao que o ministro da Igreja vos perguntava. Agora, porém, que com bastante instrução quereis chegar à sagrada mesa, é muito louvável que vós, pela vossa própria boca, confirmeis tudo quanto por vós disseram os padrinhos e que vos deis por obrigadas ao que eles em vosso nome prometeram. Esta renovação das promessas vos dá uma alta ideia do benefício que Deus vos fez em vos chamar à Sua Igreja e vos disporá para serdes melhores cristãs e chegar<sup>85</sup> agora com mais perfeição aos outros sacramentos».

Perguntou-vos então o ministro de Deus que é o que pretendíeis e respondestes que pedíeis a Fé. Ele replicou: «E que esperáveis vós conseguir pela Fé?». Respondestes que a Vida Eterna.

Respondestes bem, minhas filhas, porque sem o batismo e sem a Fé vós éreis pagãs; não tínheis nada com Jesus Cristo, nem ele era vosso Pai. Porém, pelo batismo e a Fé que ele supõe<sup>86</sup>, ficastes filhas de Jesus Cristo, com direito não só de gozar a amável companhia do vosso Pai, na frequência da sagrada mesa, mas também com direito à herança do Céu, de forma que, sem o batismo e sem a Fé, não podereis salvar-vos porque, não sendo filhas de Jesus Cristo, não podeis ser herdeiras do Seu Reino. Pelo que haveis de saber que Jesus Cristo, mor[r]endo na cruz e derramando por nós o Seu sangue, deixou a virtude deste precioso sangue nas águas do batismo, para que por ele renascessem para Jesus Cristo como filhos Seus os que já tinham nascido para o mundo pela geração dos pais.

Perguntou-vos mais o ministro de Deus: se creíeis em Jesus Cristo, se creíeis no mistério da Trindade. E dissestes: «Creio». Agora convém mostrardes com as vossas obras que os vossos padrinhos, respondendo por vós, não mentiram, nem quiseram enganar a Jesus Cristo, cujo ministro lhes falava: «Se as vossas obras forem daqui por diante conformes à vossa Fé, o Senhor vos reconhecerá por filhas Suas e filhas abençoadas. Pelo contrário, [s]e as vossas obras não

<sup>85</sup> chegar: chegando *V/S*.

<sup>86</sup> supõem: supõe *V/S*.

corresponderem à vossa Fé, sereis filhas, sim, porém filhas a quem o Pai celeste não dará a sua bênção e algum dia vos chamarão amaldiçoadas, quando<sup>87</sup> à face de todo o mundo, no dia do Juízo Universal, fizer patente a todos os vossos pecados, privando-vos para sempre da herança do Céu. Agora, porém, com[o] vós, pela confissão geral que fizestes, detestastes<sup>88</sup> todas as vossas maldades e prometestes a Deus nova vida e confirmais os vossos procedimentos com a Fé que professastes, o Senhor vos olhará daqui por diante como filhas amaldiçoadas.

A terceira pergunta que vos fez foi se renunciáveis<sup>89</sup>, isto é, se aborrecíeis e detestáveis o Demónio<sup>90</sup> e dissestes que sim. Perguntaram-vos mais: se não só aborrecíeis o Demónio, mas<sup>91</sup> todas as suas obras<sup>92</sup>. Dissestes que sim. Oh, filhas minhas, conservai sempre a<sup>93</sup> memória desta palavra e, se quereis aborrecer o Demónio, haveis de aborrecer as obras que ele vos aconselha, isto é, os pecados. E não só essas obras malditas, mas a pompa, a vaidade e tudo aquilo que dispõe<sup>94</sup> o ânimo para as obras do Demónio e os pecados. Vede agora se quereis desdizer-vos na presença do Altíssimo do que então lhe dissestes ou se estais pelo prometido. As vossas obras daqui por diante o hão de dizer. Jesus Cris[t] o quer agora ver se, recebendo-O a Ele na casa da vossa alma, pela comunhão sacrossanta – a que vos dispuserdes<sup>95</sup> – quereis ser falsas, perjuras e desmentidas [n]a palavra que lhe destes ou se quereis ser filhas fiéis, amantes de vosso divino Pai.

Quanto às cerimónias da Igreja na administração deste admirável sacramento, como nessa tenra idade não tínheis a reflexão para as ver e ponderar, convém que agora as saibais e a sua significação, para estimardes em vós o tesour[o] que tínheis até agora e não apreciáveis.

O ministro de Deus, cuja boca está santificada muitas vezes com o sacratíssimo<sup>96</sup> corpo e sangue do Filho do Altíssimo e cujas palavras são o órgão do Espírito Santo, três vezes soprou na vossa face, dizendo estas palavras: «Sai daqui espírito imundo e dá lugar ao espírito Santo<sup>97</sup>!». E daqui vedes que, antes do batismo, era<sup>98</sup> vossa alma o covil dos demónios, mas que, depois deste sacramento,

---

<sup>87</sup> quando: quanto *VIS*.

<sup>88</sup> detestastes: detestantes *VIS*.

<sup>89</sup> se renunciáveis: se renunciáveis *VIS*.

<sup>90</sup> Demónio: Demonio *VIS*.

<sup>91</sup> mas: mais *VIS*.

<sup>92</sup> as suas obras: as suas obras *VIS*.

<sup>93</sup> sempre a: sempre e a *VIS*.

<sup>94</sup> dispõe: dispõem *VIS*.

<sup>95</sup> dispuserdes: dispordes *VIS*.

<sup>96</sup> sacratíssimo: sacratíssimno *VIS*.

<sup>97</sup> Sai daqui espírito imundo e dá lugar ao espírito Santo: sahe daqui espirito imundo, e dá lugar ao Espirito Santo *VIS*.

<sup>98</sup> era: o era *VIS*.

ela ficou Templo do Espírito Santo<sup>99</sup>. Para isso a Igreja e para isso o ministro da Igreja vos fez o sinal da Cruz na testa, em ordem a que o Demónio saísse da vossa cabeça e vos deixasse crer os mistérios da Fé e também vos fez a cruz no peito para que o Demónio saísse do vosso coração e vos deixasse amar a Jesus Cristo e obrar segundo a sua santíssima Lei. Depois disto, impondo a sua mão sagrada sobre a vossa cabeça, orou a Deus com fervor, pedindo-Lhe que rompesse as prisões com que o Demónio tinha ligado a vossa alma, implorando para esse fim todos os merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, Seu amado Filho.

Seguiu-se o meter-vos o sacerdote um pouco de sal bento na vossa boca, sal sobre o qual tinha feito descer a bênção do Céu, em ordem a que, sendo este sustento santificado pelo Espírito Santo, a vossa alma ficasse isenta da corrupção dos pecados, conservando-se por virtude dele na inocência que haveis de receber nas águas do batismo.

Depois desta cerimónia, tornou o m[a]estro da Igreja a exorcismar o Demónio, mandando-lhe de novo que saísse da vossa alma e com tanto<sup>100</sup> império que o fez em nome de toda<sup>101</sup> a Santíssima Trindade e em nome de Deus Padre Omnipotente, em nome de Deus Filho, Seu terrível Juiz, e em nome do Espírito Santo, lembrando nesse maldito tirano a injustiça com que se ocupava [d]a vossa alma, pois o Omnipotente a formara de propósito para que vós fosseis o Templo da Su[a] Glória. Então o sacerdote, tomando da sua saliva, vos tocou nos ouvidos, para que ficassem abertos às vozes de Deus e no mais para que percebésses o cheiro da Virtude que dessem as boas obras. E depois vos ungiu com o óleo santo dos catecismos no peito e nas espáduas, para terdes valor e força de levar o jugo da Lei santa, a que pelo batismo vos sujeitáveis.

Feitas estas preparações<sup>102</sup>, tornou a certificar-se o ministro da Igreja se vós queríeis ser batizada<sup>103</sup> e lavar no sagrado banho as vossas almas manchadas e, respondendo-lhe por vós os vossos padrinhos que sim, por três vezes derramou o sacerdote a água da Salvação sobre a vossa cabeça, em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, significando nestas palavras que toda a Santíssima Trindade se empenhava em obrar esta maravilha de vos fazer filhas de Jesus Cristo, sendo até então escravas do Demónio. Então, o sacerdote vos tornou a ungir com o óleo santo do<sup>104</sup> crisma na cabeça, para vos fortalecer e conservar no vosso entendimento a Fé que recebeis no batismo e, nesse mesmo momento em que caiu sobre a vossa cabeça a água de Salvação, desceu o Espírito Santo

---

<sup>99</sup> Templo do Espírito Santo: *Templo do Espírito Santo VIS*.

<sup>100</sup> com tanto: *comtanto VIS*.

<sup>101</sup> toda: *ttoda VIS*.

<sup>102</sup> preparações: *perparaçoens VIS*.

<sup>103</sup> batizada: *baptizado VIS*.

<sup>104</sup> do: *da VIS*.

sobre vós e a vossa alma ficou mais bela e resplandecente nos olhos dos Anjos do que o mesmo sol nos dos homens. Toda a Santíssima Trindade veio habitar nas vossas almas e ali morou o Altíssimo Senhor, vosso Deus, enquanto<sup>105</sup> os pecados, que depois fizestes, o não expulsaram fora para<sup>106</sup> tornar a introduzir o maldito Demónio, porquanto<sup>107</sup> esta é a desgraça das pessoas que cometem um pecado mortal pois, nesse instante, Deus – que não pode ver o pecado – se retira da alma e, apenas Deus se retira, o Demónio toma posse do que perdera. E depois somente pela confissão bem feita ou verdadeira contrição é que torna a fugir o Demónio e Deus torna a viver dentro da alma e tanto<sup>108</sup> a estima e tanto amor lhe<sup>109</sup> tem, que não se despreza de entrar onde encontrou o Seu inimigo.

Para se dar a conhecer esta feliz mudança da vossa alma, vos puseram um véu branco sobre a cabeça e antigamente se vestiam internamente de branco as que se batizavam, para que até nos vestidos se conhecesse a formosura e limpeza e a pureza [que] a alma tem depois do santo batismo. Oh, se assim vós [a] tivésseis conservado sempre...!

Também vos puseram na mão uma vela acesa para mostrar que, assim como a luz material afugenta as trevas, brilhando com consolação de quem a vê, assim a vossa alma, com [o] resplendor da Graça que em vós havia infundido o Espírito Santo, afugentava o Príncipe das Trevas e dava consolação a Jesus Cristo e a todos<sup>110</sup> os Anjos que em vós se estavam revendo.

Eis aqui, minhas filhas, o que se passou pela[s] vossas almas no dia feliz em que recebeste[s] este sacramento do batismo e eis aqui as obrigações que, diante de Deus, no santo Templo do Senhor vós prometestes, sendo testemunha<sup>111</sup> não só os homens, mas os Anjos do Céu. Vede se<sup>112</sup> convém o serdes infieis à vossa palavra, quando vos prepareis para as bodas nupciais do Filho de Deus ou se é melhor confirmá-las.

E aqui o sacerdote, de joelhos diante do altar, diz a Deus, em nome das meninas que renovam as suas promessas, a seguinte protestação<sup>113</sup>:

«Na verdade, Senhor, que vos tenho sido perjura, retratando infelizmente com as minhas obras quantas promessas Vos fiz na fonte sagrada do batismo e que eu, tanto que me vi com o véu da razão, em vez de vos glorificar pelos benefícios que antes dele me tínheis feito, me soltei em ofensas Vossas, como

<sup>105</sup> enquanto: em quanto *VIS*.

<sup>106</sup> para: para, para *VIS*.

<sup>107</sup> porquanto: por quanto *VIS*.

<sup>108</sup> e tanto: e que tanto *VIS*.

<sup>109</sup> lhe: lha *VIS*.

<sup>110</sup> a todos: atodos *VIS*.

<sup>111</sup> testemunha: testemunhas *VIS*.

<sup>112</sup> Vede se: vede-se *VIS*.

<sup>113</sup> E aqui [...] protestação: E aqui [...] protestação *VIS*.

se só para isso tivesse vindo a este mundo. Porém, meu Pai e meu adorado Senhor, eu protesto que reconheço a minha suma e fe[i]ís[s]ima ingratidão e que merecia que nunca mais consentísseis que Vos chamasse Pai. Mas, já que a Vossa bondade quer triunfar da minha rebeldia (aqui levanta a voz)<sup>114</sup>, eu declaro diante dos Céus e da Terra, diante dos Anjos e dos homens e apesar dos Demónios do Inferno, que eu quero da minha livre vontade a Fé de meu Senhor Jesus Cristo; que creio na Santíssima Trindade; que creio na Encarnação do Verbo; que creio na Redenção do mundo; que creio nos sete sacramentos; que creio na justa remuneração das nossas obras; que creio nos santos Evangelhos; que creio na doutrina da santa Igreja Romana; que aprovo o sagrado batismo que na inf[â]ncia recebi e que quero viver segundo esta Fé e batismo.

Eu protesto que aborreço de teste; abomino, desprezo e amaldiçoo<sup>115</sup> o Demónio, que tanto mal me tem feito. Aborreço todas as suas obras, todas as suas persuasões, todos os seus conselhos, toda a sua pompa e a sua glória e não quero jamais<sup>116</sup> concordar com esse maldito, que tinha cativado a minha alma e me queria e quer ainda arrastar para o Inferno. Viva Deus e viva a Sua graça em mim, que daqui por diante nunca entrarão em mim as suas sugestões malditas!

Eu protesto que quero munir-me contra ele e suas traições com o sinal da Santíssima Cruz, não só na testa, mas na boca e no peito, para pensar sempre, falar e obrar segundo a Fé de meu Senhor Jesus Cristo, esperando que este sinal da nossa Redenção seja o meu escudo, por ter os merecimentos de meu Redentor.

Eu quero conservar a minha alma incorrupta com o sal da sabedoria; quero-a conservar forte co[m] o óleo do Espírito Santo; quero[-a] conservar santa e pura com a vista cândida da oração; quero-a conservar brilhante, formosa e agradável aos olhos de Deus como a luz mais pura; quero, meu Deus, morrer ao mundo e às minhas paixões, aos meus apetites e quero viver como se sepultou com Jesus Cristo, Vosso Filho, nas águas do batismo, para ressuscitar com Ele à vida santa e depois à Vida Eterna.

Protesto<sup>117</sup>, meu Deus, que daqui por diante Vos quero amar sobre todas as coisas e trarei a Vossa Lei impressa no meu coração. Dignai-Vos, Senhor, já que fui<sup>118</sup> tão infeliz que não conservei essa vestidura da graça do santo batismo tão puro, como Vós ma concedestes, admitir-me a purificar-me de novo no segundo baptismo, que é o sacramento da confissão, para que possa com a veste<sup>119</sup> nupcial chegar à mesa soberana das Vossas bodas, para que me convidais».

<sup>114</sup> aqui levanta a voz: aqui levanta a voz *VIS*.

<sup>115</sup> amaldiçoo: amaldiçoo-*VIS*.

<sup>116</sup> jamais: já mais *VIS*.

<sup>117</sup> Protesto: Protesta *VIS*.

<sup>118</sup> fui: foi *VIS*.

<sup>119</sup> veste: vesta *VIS*.

(Aqui se levanta o sacerdote e as meninas e se sentam para a exortação seguinte sobre a sacrossanta comunhão, ou no mesmo dia ou no dia seguinte).

### **Modo de se prepararem para a comunhão sagrada**

O sacerdote que fizer esta cerimónia deve estar investido para dizer missa e, em lugar de tomar casula, chegado à grade, estando as meninas sentadas, lhes fará a exortação seguinte:

«Vós, minhas filhas, sois convidadas pelo Filho de Deus para a inefável honra de Seu puro Amor e quer[er] desposar-se convosco. Como disse pelo profeta Ose[i]as, quer-vos dar o título de esposas para sempre: *Sponsabat te mihi in sempiternum*<sup>120</sup> (Os)<sup>121</sup>. E para isso é que contrata convosco, como acabámos de celebrar, as Escrituras dos desposórios pela Fé: *Sponsabat [te] mihi in fide*. Agora quer<sup>122</sup> que se efetuem estes celestes desposórios e entregar-vos o Seu corpo, a Sua alma, o Seu coração, o Seu Amor. Tudo se vos prepara na celestial mesa da Eucaristia a que desejais chegar; aí o Senhor Jesus, morrendo de Amor pelas vossas almas, se quer abraçar e unir com elas, pelo modo mais estreito e eficaz: esse inefável benefício que recebe a Virgem Mãe, tendo no seu ventre puríssimo o Filho de Deus vivo, honra a que nenhum dos Anjos pode nunca chegar, essa mesma honra, posto que por modo menos perfeito tem uma alma que recebe a sagrada comunhão, se a recebe dignamente, com que alvoroço se apressa o Filho de Deus vivo a entrar no vosso peito, para tomar posse do coração, que lhe tendes oferecido! Com que alegria se preparam os Anjos para assistir a estas celestiais bodas! Ah, minhas filhas, que se Deus Senhor Nosso não vos ocultasse em vós o que por vós há de passar em poucos minutos, a vossa alma desfalecida cairia em pasmo e ficaríeis imóveis, não podendo crer o que na realidade se vos prepara.

O vosso corpo ficará santificado com o contacto e morada que fará nele o Filho de Deus. Aquela sagrada santificação que teve o lenho da Cruz por nele estar cravado o corpo do nosso Redentor e se ter derramado nele o divino sangue, essa mesma terá agora o vosso corpo por ser o depósito agradável do mesmo Jesus. A vossa língua, que vai servir de patena à hóstia sacrossanta, que pureza deve ter de hoje em diante? O vosso peito, que vai ser o cofre afortunado do mesmo real e verdadeiro coração de Jesus, que amor, que pureza, que santidade não deve ter e conservar?

Mas não é somente o vosso corpo que deve santificar-se para estes desposórios: a vossa alma é a mais afortunada porque com ela é que se quer

---

<sup>120</sup> *Sponsabat te mihi in sempiternum: Sponsabate mihi in semfitemum VIS.*

<sup>121</sup> Os: CD *VIS.*

<sup>122</sup> Agora quer: Agora quem quer *VIS.*

desposar o Filho de Deus. Pelo recebimento do sagrado corpo do Senhor, se vos infundem novos grãos da Graça santificante, que é um dom inapreciável, pelo qual misticamente se unem as duas almas, a do Filho de Deus e a vossa para, em certo modo, daqui por diante não serem senão uma só alma, isto é, uma só vontade. Este dom verdadeiro da Graça, que recebeis, vai aumentar a formosura da vossa alma que, supondo limpa e purificada no sacramento da confissão e sendo[-o] com a formosura divina – que se vos comunica muito maior a beleza da vossa alma –, fica muito mais agradável ao Senhor e cresce o Amor de Jesus Cristo convosco e será muito mais apertado o místico abraço que vos há de dar e o será à proporção que for maior o afeto, a devoção, o fervor, com que vos entregardes a este Divino Esposo.

Não duvideis, minhas filhas, que são verdades do Evangelho, em que vós jurais e credes estas que vos ensina. Não repareis em que vós sejais bem pouco merecedora[s] desta inefável honra porque, se agora Deus vos convida ao tálamo de seus desposórios, é em virtude do sangue de Jesus Cristo que o Senhor derramou pelo batismo na vossa alma e em virtude da filiação que nesse sacramento vos concedeu. Agora passais dos braços amorosos como filhas ao descanso do Amor como esposas: tudo é sem merecimentos vossos, mas tudo felicidade que vos trouxe o sangue do nosso Redentor. Acendei pois [n]o vosso coração um ardentíssimo desejo desta fiel e total entrega, que eu me vou preparar para a celebração destes desposórios nos sacrossantos altares do Senhor. Vou na vossa presença e em vosso nome celebrar o tremendo mistério da missa e renovar o sacrifício da Cruz, em que o nosso<sup>123</sup> amável Jesus de novo se oferecerá a seu eterno Pai pelo bem das vossas almas ou o oferecereis em ação de graças e de louvor pelos benefícios que vos acabo de ponderar e como sacrifício imperatório<sup>124</sup> para alcançar de Deus as graças de que vós tendes necessidade<sup>125</sup>, para Lho agradecer e corresponder. Oh, minhas filhas, eu, com uma vítima de valor infinito nas minhas<sup>126</sup> mãos, vou oferecer todos os merecimentos da vida e morte do Filho de Deus; vou, digo, oferecê-la ao eterno Pai por mim e por vós. Tende ânimo e esperança que do mais alto dos Céus virão sobre as vossas almas bênçãos de graça, de doçura, de consolação, de virtude.»

(Então o sacerdote depõe<sup>127</sup> o pluvial e toma a casula e celebra devotamente a santa missa, orando mui particularmente pelas meninas que hão de receber a primeira comunhão).

Quando o sacerdote comunga as religiosas, a quem pelo cargo pertence

<sup>123</sup> em que o nosso: em que as nossas *V/S*.

<sup>124</sup> imperatório: impetratório *V/S*.

<sup>125</sup> necessidade: necessidades *V/S*.

<sup>126</sup> minhas: minhad *V/S*.

<sup>127</sup> depoe: depoe *V/S*.



diz[er] a confissão e [a]o padre a absolvição costumada<sup>128</sup>, voltando-se para a grade do coro com a sagrada píxide na mão esquerda e a sacrossanta Partícula na direita, diz assim<sup>129</sup>):

«Almas amantes de Jesus Cristo, eis aqui<sup>130</sup> o vosso Esposo: saí-Lhe ao encontro e vinde recebê-lo não tanto nos braços, como no coração. Ele, cheio de amor, desce do trono do Pai, para vir descansar no seio do vosso Amor e de quem é o verdadeiro<sup>131</sup> Filho de Deus, que está no seio do Pai, recebeis com Fé, com Amor, com humildade e confiança.

Com Fé, porque eis aqui o Cordeiro de Deus<sup>132</sup>; com Amor porque Ele é o que tira os pecados do mundo<sup>133</sup>. Com humildade, porque vós não sois dignas de que o Senhor Jesus entre na vossa alma<sup>134</sup>. Com confiança, porque, se o Senhor mandar, com uma só palavra<sup>135</sup> fará a vossa alma parar; quanto mais o deveis esperar da Sua pessoa, que vos visita.»

*Agnus Dei* etc *Domine nom sum dignum* etc *Corpus Domini Nostri* etc.

(Depois o sacerdote acaba a missa e, depondo as vestes sagradas, vem ao meio do altar, dar as graças com as meninas, dizendo elas mudamente no seu coração o que diz publicamente o sacerdote em seu nome<sup>136</sup>).

#### **Ato de Fé viva**

«Meu doce Jesus, meu Pai admirável, eu creio que Vós estais dentro em mim realmente. Vós o dizeis, eu o creio; sim, eu creio, [n]em Vós, nem a Igreja me podem enganar. Bendito seja o Vosso Amor».

(No fim de cada ato se fará uma breve pausa para que da boca passem as palavras à alma e o afeto do coração não seja tão ligeiro).

#### **Ato de admiração**

«E donde a mim tanto bem! Quem me havia de dizer que o Rei da Glória havia de visitar realmente a minha pobre alma. Bendito seja o Vosso Amor».

#### **Ato de louvor**

«Anjos do Céu, ajudai-me a louvar o Senhor Deus pela sua inefável misericórdia. Anjo santo da minha guarda, louvai por mim ao meu Deus e tão

<sup>128</sup> costumada: costumada e *VIS*.

<sup>129</sup> Então o sacerdote [...] diz assim: Então o sacerdote [...] diz assim *VIS*.

<sup>130</sup> eis aqui: eis que aqui *VIS*.

<sup>131</sup> e de quem é o verdadeiro: e de quem este é o verdadeiro *VIS*.

<sup>132</sup> eis aqui o Cordeiro de Deus: eis a qui o Cordeiro de Deos *VIS*.

<sup>133</sup> Ele é o que tira os pecados mundo: Elle he o que tira os pecados do Mundo *VIS*.

<sup>134</sup> vós não [...] na vossa alma: vós não [...] na vossa alma *VIS*.

<sup>135</sup> se o Senhor mandar, com uma só palavra: se o senhor mandar, com huma só palavra *VIS*.

<sup>136</sup> Depois o sacerdote [...] nome: Depois o sacerdote [...] nome *VIS*.

bem Vosso; louvai a santíssima Eucaristia e o mistério admirável que o Senhor instituiu para nossa felicidade etc. Bendito seja o Seu Amor».

#### **Ato de amor**

«Oh<sup>137</sup> meu adorável Senhor, já que Vos tenho dentro em mim, não Vos hei de deixar, sem que me abençoais. Não teve Jacob tamanha fortuna, como eu tenho, nem Vós então éreis mais benigno do que agora sois. Oh meu Jesus Esposo da minha alma, tomai-me nos Vossos braços e prendei-me bem neles; apertai, meu doce Jesus, apertai e segurai-me bem, que eu protesto de não querer bem a cousa alguma fora de Vós. Vós sois o dono do meu coração e Vós o sereis sempre, sempre e por uma eternidade. Eu<sup>138</sup> serei vossa, sim; serei vossa, já que por este favor, que acabo<sup>139</sup> de receber, Vós sois meu e Vos dais todo a mim. Bendito seja o Vosso Amor».

#### **Ato da confissão**

«Porém, meu Deus... E quem sou eu para protestar uma resolução semelhante? Eu que sou terra e cinza e corrupção<sup>140</sup> e pecado, Senhor! Senhor, não espereis de mim nada bom, se vós não obrardes em mim com a Vossa mão onnipotente. Senhor, desenganai-Vos, que de mim só ingratidões recebereis por miséria minha, mas com<sup>141</sup> a Vossa graça, que espero, posso ser santa. Bendito seja o Vosso Amor».

#### **Ato de esperança**

«Eu devo esperar muito de Vós porque, se me não quiséreis remediar a minha pobreza e curar as minhas enfermidades, não vireis à minha pobre casa. Ah, Senhor, isto não Vos fica bem entrardes na minha casa tão pobre e não deixar nela efeitos da Vossa grandeza e liberalidade... Visitar a minha aluna<sup>142</sup> enferma e não remediar a sua enfermidade. Ah, Senhor, nunca Vós deixastes de curar os enfermos que se Vos apresentaram, quando vivíeis na terra. E agora que viveis no Céu, mostrareis menos o Vosso poder e o Vosso Amor? Ah, não me venha semelhante pensamento... Sim, meu Deus, minha alma<sup>143</sup> enferma achará em Vós a saúde. Sim, eu espero. Bendito seja o Vosso Amor».

#### **Ato da resignação**

«Agora, meu Deus, descanso em Vós e podeis dispor de mim e de tudo o que é

---

<sup>137</sup> Oh: Ho *VIS*.

<sup>138</sup> Eu: Eua *VIS*.

<sup>139</sup> acabo: acaba *VIS*.

<sup>140</sup> corrupção: corção *VIS*.

<sup>141</sup> com: comm *VIS*.

<sup>142</sup> alma: aluna *VIS*.

<sup>143</sup> alma: aluna *VIS*.

meu, como muito quizerdes, contanto que não me deixeis e a minha alma<sup>144</sup> esteja sempre defendida pelos Vossos braços amorosos. O mais está tudo à disposição da Vossa amorosa Providência: a vida, a morte, a saúde, a enfermidade, a riqueza, a pobreza, a honra, o vitupério, tudo<sup>145</sup> está à Vossa disposição; isto, só peço a perseverança e o aumento da Vossa amizade. Ah, bendito seja o Vosso Amor».

#### **Ato da petição**

«Mas é razão, meu Deus, que eu adoro a Vossa pessoa e dê provas de que reconheço a Vossa liberdade, eu quero pedir-Vos, meu Deus, uma prova do Vosso benigno Amor. Haveis de conceder-me<sup>146</sup> o que Vos peço. Senhor, Vós sabeis o que o meu coração deseja; sabeis o motivo por que suspiro, pelo que tantas vezes Vos tenho recomendado: meu Jesus, uma morte feliz e uma vida justa. Eu não desejo, meu Deus, salvar-me por milagre; quero entrar no Céu pelos passos e vestígios que me deixastes impressos para que Vos seguisse. Senhor, Senhor: boa morte e boa vida! Oh, dizei à minha alma que Vós sois a sua Salvação. Bendito seja o Vosso Amor.»

Cântico de Ação de Graças a Jesus sacramentado:

«Oh, deixai, meu Jesus, que a minha alma, confundida com tamanha misericórdia, já que Vos vejo em minha casa, desafogue o meu coração em ações de graças por benefício tão grande.

Vós sois o meu sustento, a minha força, a minha vida.»

Responde o povo: «Bendito sejais». E assim vai sempre respondendo a todos os artigos: «Bendito sejais».

«Sois a minha consolação nas aflições deste mundo: bendito sejais. Sois o meu médico para curar a minha alma. Bendito sejais.

Como Mãe amorosa me sustentais com o leite ou sangue do Vosso peito. Bendito sejais.

Como mestre da minha alma me ensinai o Vosso Amor. Bendito sejais.

Senhor, os Anjos do Céu Vos mereceram tamanho favor. Bendito sejais.

Nem os santos da Terra, antes que o Vosso lado aberto fosse a fonte dos sacramentos. Bendito sejais.

---

<sup>144</sup> alma: aluna *VIS*.

<sup>145</sup> tudo: todo *VIS*.

<sup>146</sup> conceder-me: concedirme *VIS*.

Que eu seria feliz se visse o Bem, que em minha casa possuo. Bendito sejas.

Porém, sou mais feliz, meu Pai, meu Amor, [n]o Amor que Vos tenho e, já que visitais a minha alma, dai-me a Vossa bênção, para que neste mundo e na eternidade perpétua, digo sempre que bendito sejas».

### **Meditações**

#### **Para as meninas se prepararem para a primeira comunhão nos 5 dias precedentes**

##### **1º. Dia**

#### **Agradecimento a Deus pelo benefício do batismo**

##### **Ponderação**

«Eu nasci em país católico, mas, nesse mesmo dia, muitas mil almas nasceram fora da Igreja Católica, em terras de Mouros e de gentios e de Judeus. A minha alma era igual às mais e Deus, com a sua divina mão, assignou a cada uma o lugar em que havia de nascer. Nenhuma dessas que caíram em países que estão fora da Igreja gozam do benefício do batismo e, sem este sacramento, não podiam nascer de Jesus Cristo, nem ser filhas do Rei da Glória, nem ter direito ao Céu. Eu, porém, sim, que, nascendo no grémio da Igreja, recebi o batismo e por ele renasci para Deus. Fui logo filha do Unigénito, que estava no seio do Pai e que está no trono da Glória esperando por mim, se viver, como devo, a este favor».

##### **Resolução**

«Ora, eu tomo a resolução de agradecer muito a Nosso Senhor este tão grande benefício. Quanto dariam por ele as outras almas a quem o Senhor o não concedeu, se soubessem o Bem de que eu gozo e elas não? Quanta inveja me teriam?

Ora, já que Deus me preferiu a todas elas para me fazer este tão grande favor, eu devo preferir a Deus a tudo quanto pode haver e, daqui por diante, Deus há de estar para mim primeiro que tudo».

##### **2º. Dia**

#### **Fidelidade às promessas do batismo**

##### **Ponderação**

«Nosso Senhor, quando me quis recolher no grémio da Sua Igreja, bem me perguntou se eu renunciava ao Demónio, à sua vaidade e à sua pompa; bem me perguntou se eu consentia que Ele expulsasse esse maldito da minha alma, onde ele, pelo Pecado Original, estava alojado e, com efeito, eu – ou meus padrinhos em meu nome – disseram que sim e realmente o Espírito Santo entrou na

minha alma e lançou fora dela o Demónio. Bendita seja tal misericórdia do Senhor. Agora, se eu pecar gravemente, lanço fora o Espírito Santo e torno a chamar o Demónio para dentro da minha alma. Que desgraçado efeito do pecado! Que justo motivo tem o Senhor para me lançar fora de si e deixar perder porque fui infiel à minha palavra e falsa às minhas promessas. Se eu havia de chamar o Demónio para morar na minha alma, peca[n]do gravemente, para que foi lançá-lo fora, como fez o ministro da Igreja no batismo com tão grandes cerimónias? Muito menos feio era não admitir na minha alma o Espírito Santo, como fazem os gentios, que não se batizaram, do que lançar fora o Espírito Santo para introduzir o Demónio. E isto só pelo apetite de cometer o pecado».

#### **Resolução**

«Eu me resolvo firmissimamente, meu Deus, a não pecar gravemente, nem que veja a morte. Isso não. E tudo o que é pecado para mim será tão horrível como o Inferno. Senhor, ajudai-me, dai-me a mão, que sem Vós nada posso».

### **3º. Dia**

#### **Resolução firme para a confissão geral**

##### **Ponderação**

«Eu fui tão infeliz que faltei às promessas que tinha feito ao meu Deus quando, pelo batismo, me admitiu ao número de Seus filhos. Para que quero ser tão desgraçada, que abuse<sup>147</sup> do segundo batismo de Seu sangue, que na confissão sacramental me prepara? Deus está mal comigo porque eu o ofendi e lhe menti nas minhas promessas. Está mal comigo porque, havendo prometido<sup>148</sup> aborrecer e detestar o Demónio, vê que obedeci ao Maldito e lhe<sup>149</sup> fiz o gosto, faltando aos preceitos de meu Deus. Agora é Deus tão bom que me oferece o perdão no Seu lado sacrossanto, aberto para mim e me diz que, se deveras me arrependo e protesto a emenda, se me confessar de todos os meus pecados com verdadeiro arrependimento, que todos mos quer perdoar. Devo logo pôr nisto sumo cuidado. Cuidado em duas coisas: uma, em que todo o meu coração fique aberto e manifesto ao ministro de Deus; outra, em que o meu arrependimento fique provado e confirmado pela minha emenda»<sup>150</sup>.

##### **Resolução**

«Oh, meu Deus e Senhor, já que tanta é para comigo a Vossa bondade, que me patenteais o Vosso coração para me perdoardes no sacramento da penitência,

---

<sup>147</sup> abuse: abusa *VIS*.

<sup>148</sup> havendo prometido: havendo em prometido *VIS*.

<sup>149</sup> lhe: lhes *VIS*.

<sup>150</sup> emenda: emanda *VIS*.

tocai-me no meu para que se compunja, se arrependa, se converta a Vós. Oh, Senhor, tocai-me bem no meu coração para que nunca mais Vos seja falso e, pelo sangue de Vosso Filho, que há de ser o meu perdão, dai-me esse mesmo arrependimento, que há de ser o fundamento dele, que em Vós protesto com quantas veras posso que a minha resolução está tomada. Hei de confessar todos os meus pecados, ainda os mais feios e ocultos e haveis de lavá-los com o Vosso sangue precioso para nunca mais os cometer. E vede, meu Deus, que só na Vossa Graça confio».

#### **4º. Dia**

### **II preparação para a comunhão sagrada**

#### **Viva Fé**

#### **Ponderação**

«Deus Senhor nosso me convida para a Sua mesa. Devo chegar composta decentemente; não somente devo<sup>151</sup> chegar lavada de culpas pela confissão sacramental, mas ornada com asseio das virtudes que são próprias desta divina mesa – santo ornato é da minha cabeça – e devo excitar em mim a viva Fé deste mistério. Eu vou receber em meu peito o mesmo Filho de Deus vivo e verdadeiro que está no trono dos Céus, o mesmo Jesus que esteve no seio da Virgem Maria, esse mesmo há de entrar daqui a poucos dias, no meu peito. Os Anjos do Céu me hão de ter justa inveja e à roda de mim se hão de prost[r]ar, reverentes, para adorar a hóstia santa, que no meu peito estarão vendo. Com tanta reverência e respeito devo eu chegar à soberana mesa».

#### **Resolução**

«Ah, Senhor, que eu não atrevo, sendo tão miserável, apresentar-me à Vossa mesa. Eu não vou, Senhor, se Vós não mandais positivamente que chegue. Senhor, vede a minha pobreza e vesti-me com as virtudes da Fé, da humildade e da confiança em Vós. Ornai, Senhor, a alma em que haveis de habitar. Oh, Senhor Deus das virtudes, aqui me tendes e por esmola ponde em mim o que em mim quereis achar quando me visitardes, que eu protesto excitar em mim quanto mais possa os afetos de amor, de reverência, de confiança que esta Fé me inclua. Ajudai-me, Senhor».

#### **5º. Dia**

### **II preparação para a comunhão: sincero Amor**

#### **Ponderação**

«Alma minha, que acanhada está na véspera das bodas divinas. Tu estás pobre, rota e indigna e nunca veio ao pensamento de ninguém que o Filho do

---

<sup>151</sup> devo: deve *V/S*.

Altíssimo assim chegasse a abater-se que quisesse morar no teu peito e desposar-se contigo. Porém, tu não és a que tu ofereceste a esta indizível honra: o Seu Amor e bondade é quem [tem] o teu cegado (para me explicar a meu modo) ou lhe tem feito fechar os olhos à tua indignidade. Eu bem lhe tenho dito, como centurião, que não sou digna nem merecedora que entre na minha alma, indigna pousada para o Rei da Glória, mas Ele me tem dito que, com uma só palavra, pode purificar a minha alma. Ele é que instituiu de propósito esta mesa sagrada, não para os Anjos, mas para os pecadores arrependidos. Ele é quem me está tocando no meu coração e fazendo saltar com desejos vivos de O receber já no meu peito».

### Resolução

«Ah meu rico Jesus... E se eu gozarei desta felicidade que espero? Se Vos abraçarei, dentro do meu peito, se Vos poderei<sup>152</sup> dar então realmente o meu coração, se poderei unir o meu com o Vosso? Ah, meu dulcíssimo Jesus, e que longos são estes dias, que dilatadas as horas, que compridos os momentos! Aparece já, dia sagrado, em que a minha alma se há de encher da divindade do meu Deus, em que o meu peito há de ser a custódia viva, há de beber o sangue divino de meu Salvador, em que eu hei de ser toda Dele e Ele todo meu. Meu Jesus, verificai<sup>153</sup> as minhas esperanças e as vossas promessas e cumpri em mim os desígnios sagrados do Vosso Amor. Entretanto, eu procurarei ornar a minha alma com todos os afetos pios que a Vossa graça me inspirou».

#### Jaculatórias para se dizerem pelo discurso do dia da santa comunhão

1º O meu Jesus está em mim e eu estou Nele: quem me dera abraçado.

2º Meu Jesus, sou toda Vossa, segurai bem o meu coração.

3º Anjo da minha guarda, não Vos retireis de mim para que eu tome esta visita.

4º Meu Senhor, que tanto gostáveis de curar os enfermos, curai a doença desta pobre alma.

5º Quem me dera, meu<sup>154</sup> Deus, estar sempre convosco.

6º Imprimi-me, Senhor, tal horror ao pecado, que nem o mais leve cometa.

7º Amor da minha alma, não consintais que o meu coração tome outro amor.

8º Oh meu Jesus, Vós estais nos meus braços; não Vos hei de largar.

---

<sup>152</sup> poderei: poderej *V/S*.

<sup>153</sup> verificai: verificais *V/S*.

<sup>154</sup> meu: deu *V/S*.

9º Senhor Deus, se tudo podeis, mudai-me este coração em coração bem fiel.

10º Senhor, se me mandais que Vos ame, dai-me do Vosso Amor.

11º Uma esmola, meu Jesus, do Vosso santo Amor; uma esmola, Senhor.

12º Que formoso sois, meu doce Jesus; que formoso é o Vosso Amor e que feio o pecado.

### **Fim**

### **§8º**

#### **De S. José do seminário**

Todos estes seminários da Visitação costumam ser dedicados a S. José e se contentavam ao princípio, por conta da sua pobreza, com uma estampa de papel para o culto do Santo e sua invocação. E, desejando muito um painel digno<sup>155</sup>, não havia no mosteiro que nascia posses para essa[s] despesas. Eis que um dia vem à Visitação um pintor. Bate, fala e oferece um grande painel de S. José, que ele tinha pedido a uma sua discípula para o trazer de presente à Visitação, sem que ninguém lhe tivesse comunicado tal desejo.

A proteção deste grande Santo no pensionato é visível. Começaram as bexigas a atacar aquela comunidade de meninas, em que a doença e a morte faziam grande estrago, se não fosse a mão<sup>156</sup> poderosa do Santo. Então, com licença da Superiora, fizeram uma promessa ao Santo que, durante um ano, todos os domingos faziam uma procissão à capela de São José. Cessaram logo as bexigas e nenhuma grave doença tem depois disso atacado as pensionistas. É o que mais visivelmente faz crer que isto se deve ao Santo é saber pela confissão das mães das meninas que lá fora eram bastantemente doentinhas e repetidas vezes enfermas e na Visitação regularmente gozam de saúde, ainda aquelas que lá fora nunca tinham gozado de saúde perfeita.

### **§9º**

#### **Da proteção do Anjo-da-guarda**

Tem a primeira mestra destas meninas especial devoção ao Anjo-da-guarda e o tem colocado em vários lugares do seu seminário<sup>157</sup>, o que tem inspirado esta devoção às meninas, confirmada com prodígios visíveis. Há neste seminário uma menina mui galante, a qual era mui pobrezinha e do campo. Mas, sendo vista pela Senhora Infanta D. Mariana, lhe mereceu, pela sua lindeza, tal afeto, que

---

<sup>155</sup> igno: idgno *VIS.*

<sup>156</sup> mão: não *VIS.*

<sup>157</sup> seminário: seminários *VIS.*



a tomou para o seu quarto e criou com sumo amor e mandou para a Visitação na idade[e] de seis anos. Esta menina, pois, chamada Bernardina, casualmente tropeçou no primeiro degrau de uma escada de pedra muito alta. Estavam nessa hora duas religiosas em baixo no patamar da escada e viram claramente que a menina, tanto que caiu, veio pelo ar<sup>158</sup> parar a[o] lado baixo e ficou em pé sem moléstia alguma, nem beliscadura. E segunda vez aconteceu o mesmo prodígio, pasmando todos da proteção do santo Anjo cuja imagem aí estava colocada.

Não foi menor o prodígio de preservar o mosteiro do incêndio inevitável e geral ruína, se não fosse a proteção do Céu. Toda a comunidade estava já recolhida e as meninas dormindo, quando a mestra, por impulso superior, foi a um lugar retirado. Eis que acha dentro de um armário um bico de vela aceso, posto sobre a tábua, sem resguardo algum. Pasmou do perigo, do modo com que ali fora; pasmou de não ter demora em ir, a qual só poderia causar a última e inevitável ruína pelo geral incêndio, sendo isto chegado à sala grande em que dormiam vinte meninas, pegadas às outras casas e tudo de madeira. Quem adverte na inconsideração que têm as meninas na idade tenra e na multidão delas, não pode duvidar que é tão grande milagre e prova da grande proteção do Anjo-da-guarda o não ter ali acontecido algum incêndio porque é impossível que a grande vigilância das mestras e das criadas possa evitar todos os perigos que o descuido traz, ainda muitas vezes em pessoas grandes, quanto mais é para admirar em quarenta meninas.

#### §10º

##### Da proteção de São Francisco de Sales

Este artigo que vamos a tratar não move a admiração de dizer da proteção do Anjo-da-guarda e S. José porquanto, sendo estas meninas filhas do Santo Sales, não é novidade que os proteja com muita singularidade. Mas, considerando em si a que ponto chega esta extraordinária proteção, deve causar admiração grande ver a união e harmonia, a constância e desejo de serem santas<sup>159</sup> e a emulação em aprender e o amor à Visitação que geralmente têm todas as meninas. É um tal milagre, que só pela especialíssima bênção do Santo se podia conseguir. Bem longe de estarem desejando o termo dos 15 anos em que se lhes acaba o tempo de aí estarem, estão sentindo de antemão esse triste termo e forcejam em achar motivos para o prolongarem alguns meses. E, quando por causa de moléstia ou outra muito urgente saem, é indizível o alvoroço com que voltam.

Porém, além deste grande efeito da sua proteção em geral, quis o Santo

---

<sup>158</sup> ar: as *VIS.*

<sup>159</sup> santas: santos *VIS.*

fundador mostrar especial proteção, o que fez nos dois casos seguintes. Uma menina que, na idade de seis anos teve bexigas, por esse motivo<sup>160</sup> saiu para fora e depois voltou para dentro, mas começou a mudar de tal modo a cor, a fisionomia, o génio e a viveza, que se conhecia que estava gravemente doente. Muitos julgavam que seria efeito das bexigas não bem curadas. Queriam os parentes que voltasse a sair, mas a pequena levou isso muito a mal, o que, vendo a Rainha – diante de quem sua tia pedia licença para a tirar –, acudiu aos desejos da menina, dizendo que ali podia convalescer muito bem brincando com as outras. Tinha esta menina particular confiança com a Rainha e a soberana lhe mostrava inclinação particular pela sua viveza e inocência, tanto assim que, na primeira vez que a Rainha foi à Visitação, depois de ela<sup>161</sup> lá estar, queixando-se de que o seu administrador lhe dava roupa muito grosseira, a tomou pela mão e a levou ao seu leito e, levantando a cobertura, lhes fez ver que eram graças a[s] sanções, o que a Rainha confessou que assim era e, vindo-a acompanhar até a porta com o seu rolo aceso e convidando-a<sup>162</sup> a Rainha para ir com ela no coche para o Paço, não aceitou o convite por modo algum, abraçando-se com a sua mestra com grande apego. Por estes motivos a Rainha lhe tinha afeto e se compadecia de a ver tão pouco boa. Neste termo, a sua mestra, vendo-a ir tísica com passos largos, fez voto a S. Francisco em seu obséquio e nada mais foi preciso: a olhos vistos foi melhorando brevissimamente e ficou boa de tudo<sup>163</sup>, sem susto nenhum da sua moléstia.

Semelhante prodígio – e pelo mesmo voto – fez o Santo nesses mesmos dias a outra menina Henriqueta sumamente achacada dos olhos e cabeça, de forma que fazia compaixão a todos. Nuns dias que se achou melhor, sua mãe se aproveitou da aberta e a levou para a Visitação. Não tardou muito dos seus olhos; era o mal tão terrível, que pelos ouvidos lhe saíam, tal era a disposição interna daquela triste menina. Feito, porém, o voto a S. Francisco de Sales e vestida ela de roxo, [se] foi vestindo de saúde mais completa que jamais havia tido.

Terceira vez tentou a madre Victória a proteção do Santo Sales na menina, que tinha desde o batismo o seu nome de Joanna Francisca de Sales e nascera por sua intercessão, como deixamos contado no princípio desta História e terceira vez viu a proteção maravilhosa do Santo, por meio do mesmo voto.

---

<sup>160</sup> motivo: motivo e *VIS*.

<sup>161</sup> de ela: dela *VIS*.

<sup>162</sup> convidando-a: convidandoa *VIS*.

<sup>163</sup> tudo: todo *VIS*.

## **Regulamentos para as religiosas Ursulinas. Do que pertence à instrução das meninas**

### **Capítulo 1 Da ordem das classes**

As religiosas Ursulinas, sendo especialmente estabelecidas para se empregar na instrução e conduta de meninas, e obrigadas pelas suas Constituições a receber com este desígnio educandas nos seus mosteiros, é necessário, a fim de que elas se possam bem desempenhar, que todas as classes estejam por ordem sem confusão e os ofícios daquelas que nisso se empregam sejam regulados, de sorte que cada uma, sem detrimento da sua própria perfeição, possa<sup>164</sup> procurar a das meninas que lhe são cometidas.

Portanto, em cada mosteiro haverá um apartamento das educandas, o qual poderá ser de dormitórios, com suas celas, ou de salas grandes em que possam habitar as meninas. Sendo celas, em cada dormitório ficará uma mestra para as conservar no seu dever e cuidar em que se recolham às suas camas a horas e que o façam com gravidade e modéstia e que fiquem cobertas e com as luzes apagadas. Sendo salas, também em cada uma ficará sua mestra e as meninas que couberem, tendo cada uma a sua cama separada e divididas com cortinas, e esta mestra terá<sup>165</sup> delas o cuidado que está dito.

Haverá também, além das câmaras, 6 classes separadas pelas quais serão repartidas as meninas à ordem da Madre Prefeita, segundo o adiantamento de cada uma.

Terão um oratório em que façam a sua oração, o seu retiro e devoções, como lhe está mandado nas Constituições. Haverá mais uma rouparia com armários e estes com divisão para em cada uma estar a roupa branca que pertence a cada educanda, sem que de sorte alguma a de uma com a da outra se misture e nem lhe será permitido em caso algum o vestirem roupa umas das outras, só sendo irmãs.

Haverá também uma cozinha, despensa e um refeitório à imitação do das religiosas; nele observarão silêncio, benção da mesa, leitura e graças como elas.

### **Capítulo 2 Do regulamento da Madre Prefeita das educandas**

A Madre Prefeita, além do que lhe está prescrito nas Constituições, [p. 2]

---

<sup>164</sup> possa: possam *REG.*

<sup>165</sup> «tera» entrelinhado.

observará os pontos seguintes: fará todo [o] possível por manter a autoridade que as mestras das classes devem ter sobre as educandas e para este fim tomará sentido de não dar lugar às queixas que as ditas educandas possam fazer delas, mas procurará por todos os meios que elas lhe tenham grande respeito, submissão, estimação do que elas lhe dizem e ordenam, a fim de que se aproveitem das suas instruções; pela mesma razão, ela nunca advertirá as mestras diante delas nem fará gesto de que lhe desagrade o que elas têm feito, mas em outra ocasião lhe[s] dará os avisos que julgar necessários, e isto com brandura e caridade. S e lhes parecer conveniente, irá nas quatro principais festas do ano, na véspera ou na antevéspera da festividade, e fará ajuntar todas as educandas para as exortar a se dispor pela prática das virtudes para a presente solenidade.

É da sua obrigação o falar de tempos em tempos aos parentes das educandas para os informar com prudência e descrição dos costumes e de como se portam as suas meninas, cuidando em não exagerar os seus defeitos, de modo que eles se descontentem ou se possam persuadir de [que] haja falta de afeição a seu respeito; ela tratará as pessoas de fora com civilidade, brandura e modéstia religiosa, evitando discursos longos que não pertençam ao seu ofício.

Dará todos os anos à Madre Superiora ou ordenará se lhe dê<sup>166</sup> meia moeda ou três mil reis para ela empregar em alguns premiozinhos com que recompense o cuidado e aplicação daquelas que a Madre Prefeita achar que o merecem.

Quando alguma educanda lhe tiver declarado o desejo de ser religiosa no mosteiro, se está em idade de executar o seu desígnio, ela o conferirá com a Madre Superiora e se esta achar por bem que ela pretenda o lugar, se conduzirá a menina à sua câmara e de antemão se instruirá como nesta parte se deve haver e conferirão se é conveniente fazê-la voltar ao mundo antes de entrar no noviciado, principalmente se a menina está indiferente neste ponto e, se julgar a propósito que ela volte para provar e formar mais a sua vocação, a fim que ela fique inteiramente na sua liberdade.

Ela não inovará cousa de importância nas classes, nem mudará a ordem que ali está estabelecida sem permissão da Madre Superiora e em tudo se conformará com o que lhe está prescrito nas Constituições.

### [p. 3] Capítulo 3

#### Regulamento das mestras das Classes

Sendo as mestras das Classes escolhidas para uma ocupação de tanta importância como é a instrução das meninas, a fim de o fazerem com perfeição,

---

<sup>166</sup> dê: deem *REG.*

elas devem antes de tudo pedir a Nossa Senhora o seu espírito que as conduza em um tão santo emprego e consequentemente rogar-lhe lhe dê um coração cheio de caridade, docilidade e zelo e que forme nelas o verdadeiro espírito do Instituto, que na primeira parte das Constituições está muito bem expressado, o que elas serão frequentemente para este efeito.

Elas se aplicarão, a fim de aproveitar as suas educandas a ter uma conduta cheia de doçura, de caridade, de prudência, descrição e previsão maternal que seja ch[e]ia de bondade e não muito apuradora nem melindrosa.

A mestra que for nomeada para a instrução das meninas terá principalmente cuidado da sua classe, que consiste em lhe ensinar mais particularmente às meninas que se convertam perfeitamente a Deus e a oferecer-se a Ele de todo o seu coração, como se diz nas Constituições, a confessar-se bem, a comungar, a ouvir devotamente a missa, a fazer os outros exercícios de piedade e a domar as suas paixões e inclinações, fazendo-lhes reconhecer as que são mais fortes nelas e dar-lhes algum exercício de virtude conforme a sua necessidade e capacidade;<sup>167</sup> ensinar-lhes-á a meditar sobre a vida, morte e paixão de Nossa Senhora e outros mistérios da fé; se são capazes de o praticar para este efeito, ela lhe falará em particular de tempos em tempos, para as instruir nos pontos sobreditos.

A esta mestra mesmo se devem as educandas dirigir para lhes pedir a santa comunhão e outras licenças, tanto espirituais, como corporais que para o seu bom regulamento forem necessárias.

A esta mestra, que deve ser a principal na assistência e bom regímen de todas as educandas, lhe será permitido – quando as outras que devem ir a orar se nomearem – eleger a que lhe parecer mais a propósito, com aprovação da Madre Superiora, para esta ajudar no que ela não puder e substituí-la quando tem alguma moléstia ou fizer os seus Exercícios e em casos semelhantes, as quais devem ser bem unidas e conformes quanto lhe for possível em todos os seus sentires e ações, tudo para Glória de Deus e exemplo das meninas que dirigem.

[p. 4] Terá muito cuidado que lhe não falte nada, tanto para o sustento, como para o vestir e para este fim irá várias vezes ver as porções para que nem vão com superfluidades, nem com falta do necessário, para o que exortará muito as meninas para não comerem com gulosina, mas sim com temperança e lhe[s] ponderará a importância desta virtude, em todos os casos.

Quanto ao vestir, fará [com] que andem decentes e asseadas sem superfluidades e puxando sempre pela uniformidade sem permitir cousa alguma demais que o

---

<sup>167</sup> «e capsid.e» entrelinhado.

costume. Se alguma tiver alguma cousa descosida, lho mandará coser e, para as acostumar, cada semana mandará duas pelo seu turno coser na rouparia para o fim de saberem governar as suas cousas.

Terá grande cuidado sobre todas e lhe[s] assistirá sempre aos seus exercícios de devoção ao refeitório e às recreações a fim de que se advirtam com propriedade, não correndo com disformidade ou falando muito alto a fim de as costumar a ser pacatas no seu obrar para lhe[s] não permitirem falar senão em tom moderado<sup>168</sup>, andar com passo modesto e não rir com desconcerto. Todas as cartas das educandas, tanto as que vêm para elas, como as que elas escrevem serão revistas pela mestra [que] atualmente as preside, a fim de que não sejam excessivas no seu dizer, mas sim muito concertadas e prudentes, mas tudo isto evitará com prudência, amor e brandura, de sorte que elas entendam o fim por que lhe[s] proíbem o que não é bem regulado.

Nas suas recreações lhe[s] permitirá os jogos damas e outros jogos semelhantes cuidando em as trazer alegres e divertidas com prudência; não lhe[s] permitirá jogos de cartas nem entremezes ou danças como também cantigas que não sejam decentes. Permitir-lhes-á nas festividades de Natal e Páscoa algumas representações destes mistérios para se desembaraçarem e divertirem com a utilidade de se lhe[s] imprimirem mais os mistérios que a santa Igreja nos representa nestas solenidades, mas não se permitirá o mandarem vir de fora vestidos ou outros semelhantes ornatos.

Quando algum parente vier procurar as educandas, a mestra as acompanhará à grade; sendo pais ou irmãos, as deixará com eles e, sendo criados ou parentes em outros graus, lhe[s] assistirá até [a]o fim da visita, tendo-as bem instruído em que não se informem de notícias inúteis de século e no modo como se devem aí portar, como dizem as Constituições.

[p. 5] Terá grande cuidado, quando tiverem as meninas alguma moléstia, de avisar logo a Madre Superiora, para se mandar chamar o médico; também cuidará em que se lhe[s] faça toda assistência com todo o necessário e para este fim nomeará duas educandas por dias ou semanas, como melhor lhe parecer, exortando-as muito à caridade umas com outras e mandando-lhes lhe[s] asseiem as celas e camas das enfermas e que as tratem em tudo com muito asseio, recomendando-lhe[s] também que lhe[s] não falem muito de alto; que lhe[s] contem algum caso de edificação a fim de ajudá-las a levar a sua doença com sofrimento e alegria como vinda da mão de Deus e aí poderão estar trabalhando em meia<sup>169</sup> como melhor lhe[s] parecer depois de as ter servido.

<sup>168</sup> Rasurado «baixo».

<sup>169</sup> Rasura incompreensível.

#### Capítulo 4

##### Do regulamento dos exercícios espirituais das educandas

Levantar-se-ão em todo o tempo uma hora depois da comunidade; ao despertar[em]-se, entregarão o seu coração a Deus com alguma breve oração que a mestra lhe[s] ensinará e depois de vestidas decentemente – para o que terão meia hora – se juntarão no oratório, onde<sup>170</sup> farão o oferecimento das obras e ações do dia com atos de fé, esperança e caridade. Depois se seguirá meia hora de oração mental: às que forem capazes, a mestra as terá instruído do modo de a fazer.

Depois ouvirão a santa missa com a maior atenção e devoção; no tempo dela, poderão reza[r] a coroa, meditando em algum mistério da Paixão; no fim dela, dirão as ladainhas da Senhora e depois irão almoçar, ao que assistirá a mestra, a fim de que se portem com gravidade; no fim, se dividirão pelas classes, assim como estiverem distribuídas.

O oferecimento das obras, a oração e benção da mesa deve fazer cada educanda pelo seu turno, isto é, as que forem capazes.

Quando se tocar ao exame antes de jantar, elas o devem fazer também guardando silêncio nesse tempo e a mestra as terá instruído, tanto no modo de fazer o exame geral, como particular, ao qual se aplicarão para irem tirando os maus hábitos e se acharem, quando cre[s]cidas, radicadas nas virtudes sólidas.

Depois do exame, se segue o jantar, a que deve também comer a mestra a quem pertence a sua principal instrução e a que substitui, a qual terá cuidado em que se faça a leitura e que guardem silêncio [p. 6] e também em que comam com gravidade, pegando com p[r]opriedade no garfo, colher e faca, trinchando com propriedade sem pegar com a mão no comer, nem rejeitando o prato que lhe[s] põem, nem mostrando que lhe[s] não agrada a comida e a mestra terá também cuidado de mandar vir alguma cousa diferente para alguma se a necessidade o pedir, por conta de alguma indisposição. Fará que comam com asseio e limpeza e guardando os pontos da boa criação e política.

Depois terão a sua recreação como está dito; no fim da recreação, farão meia hora de doutrina pelo método que mandam as Constituições; no fim dela, se devem achar nas classes as mestras de labores, nos quais se empregarão com cuidado e também neste tempo, antes de virem as outras mestras, podem algumas que aprendem a tocar estudar as suas lições como lhe[s] ordenarem e depois todas as darão até se acabarem as horas da classe.

Merendarão às horas destinadas, conforme os tempos; às cinco horas e meia

---

<sup>170</sup> onde: aonde *REG*

terão meia hora de oração mental e, no fim dela, uma hora para estudarem as suas lições para o outro dia e nesta hora as que não tiverem lição de ler em qualquer leitura se aplicarão a estudar nos instrumentos. No tempo do inverno, desta hora de estudo se aplicarão a alguma manufatura que não faça grande aplicação à vista até à ceia, que farão como está dito, e depois dela mandará deitar as pequenas e as maiores ficarão trabalhando como antes da ceia até à hora da lição, exame, ladainha e ponto da meditação para o dia seguinte e a benção que se deve tomar tomar ao Santíssimo e à Senhora e também às suas mestras e, tomando água benta, se recolham às suas camas. No tempo do verão, depois da ceia terão uma hora para passear e divertir-se com gravidade na cerca ou claustra ou em qualquer lugar que parecer conveniente e depois se empregarão no restante como está dito.

Nos domingos e dias santos, rezarão juntas com uniformidade o ofício de Nossa Senhora e nestes dias<sup>171</sup> se aplicarão mais à lição dos livros de piedade para se costumarem a santificar os dias santos.

## § 2

### **Do modo como deve a mestra instruir as educandas nas coisas de piedade e como devem fazer o catecismo**

Todas as quintas-feiras, acabada a recreação, depois de jantar, terão três quartos para fazer o catecismo na forma seguinte.

[p. 7] Antes do catecismo é necessário que a mestra se tenha prevenido com a matéria que se deve tratar, concebendo o sentido e importância dela; para este fim, pedirá a graça e unção do Espírito Santo com o hino *Veni Sancte Spiritus* etc. Na semana [em] que houver dia santo, será esse o dia<sup>172</sup> em que se faça o catecismo.

Na hora do catecismo, estando todas assentadas por ordem, a mestra fará o sinal da cruz e as educandas o farão também. A que está destinada, estando em pé junto à mestra, começará a perguntar o que ficou por explicar da semana passada antecedente a cada uma das suas<sup>173</sup> companheiras, as quais, para responder, se levantarão em pé e, tendo respondido, a mestra as fará sentar e assim se irá prosseguindo por todas ou parte delas empregando nisto um quarto de hora.

Importa muito ter conta que elas digam tudo distinta e pausadamente. A mestra, uma vez por outra, lhe[s] fará alguma pergunta para ver se elas percebem

---

<sup>171</sup> dias: dias dias *REG*.

<sup>172</sup> o dia: o *REG*

<sup>173</sup> Rasurado «Mestras».



bem o que dizem e, se não, dar-lhe[s]-á a inteligência.

Consequentemente se faz repetir o que está dito no último dia, mudando algumas vezes os termos das perguntas para as confirmar bem [o] conhecimento do que se lhes ensinam e que elas não retenham só de memória, mas compreendam bem o que têm retido nela.

É bem começar pelas mais ignorantes e, não sabendo elas, encaminhar-se-ão às mais sábias e, se umas e outras não souberem nada ou muito pouco, a mestra repetirá por si mesma o que tem dito e por esta vez não deve mudar de lição.

Feita a repetição, se prossegue a matéria começada, que importa tratar com ordem, distinção e brevidade e dizê-la historialmente, tanto quanto for possível, principalmente às educandas que têm trabalho em perceber, sendo ainda pouco instruídas. [N]as matérias que se não podem tratar historialmente, como as virtudes teologais, os sacramentos etc se servirá de comparações familiares e conforme à capacidade da que aprende.

Depois da explicação da matéria, é utilíssimo encaminhar as educandas aos afetos que são conformes ao seu assunto, como se se fala da criação incitá-las a dar graças a Deus de as haver criado para um tão alto fim e de lhes ter dado uma alma capaz de O amar e de O gozar eternamente no Céu.

[p. 8] Se se fala dos quatro Novíssimos, incitá-las-á ao temor de Deus e a respeitar os Seus juízos, contando-lhe[s] algum caso sobre esse assunto; se se fala dos mistérios da nossa Redenção, afeiçoá-las-á ao amor de Jesus Cristo Nosso Senhor e ensinar-lhes-á –principalmente às maiores – a fazer atos de Fé, de Esperança e Caridade e a usar de orações jaculatórias, dizendo-lhe[s] sobre isso o exemplo de algum Santo ou qualquer outra história para as animar a praticar das virtudes que se lhe[s] ensinam. É bem que elas façam perguntas e proponham as suas dúvidas, mas que sejam conformes à matéria de que se trata porque de outro modo se passa o tempo sem proveito.

Importa tratar os mistérios divinos com respeito e falar sem precipitação e ter o espírito presente ao que se diz. Pode-se ter algum livro ou escrito para elevar a sua memória.

As mestras, para prevenir a instrução que devem dar sobre o catecismo, se poderão servir do romano da Instrução do Cristão do cardeal de Richeli ou de Belarmino do Pe. Bonafons e de outros semelhantes, sem se prender às palavras nem à ordem, mas tomando somente aquilo de que elas se podem aproveitar segundo a capacidade das pensionárias que devem educar.

### § 3o

#### **Do que a mestra deve fazer para fazer confessar as educandas**

Chegando o dia determinado para se confessarem as educandas, que devem ser as que as Constituições mencionam, que a mestra na véspera ou no mesmo dia da confissão, como julgar mais a propósito, as exortará a se dispor[em] bem para chegar com fruto a este sacramento e lhe[s] fará conceber uma grande estimação e apreço dele e reverência para o ministro que o administra, que representa ao mesmo Cristo pelos merecimentos do qual se confere a graça das nossas culpas.

Em segundo lugar, deve estar certa de que elas sabem todas as partes da doutrina cristã que é necessária para chegar à confissão<sup>174</sup>.

[p. 9] Em terceiro lugar, deve<sup>175</sup> instruir aquelas que, pelos poucos anos ou pela falta de compreensão, o necessitarem de como devem fazer o exame ensinando-lhes a fazer pelos três pontos seguintes – por pensamentos, palavras e obras – ou pelos mandamentos, como julgar mais a propósito e o fará, se for necessário, a cada uma por si ou a todas juntas, fazendo-lhe[s] reconhecer e examinar com especialid[a]de as suas más inclinações sem lhe[s] dar a perceber as culpas que elas não conhecem e sem inquirir-lhes o que elas têm feito, instruindo-as contudo na lisura e inteireza com que elas se devem confessar, sem diminuir ou desculpar as suas faltas e juntamente sem dizer cousas escusadas e relações impróprias para aquele lugar, confessando-se inteira, breve e claramente.

Adverti-las-á também das partes essenciais do sacramento, do pesar das suas culpas com que devem chegar a ele e dos propósitos da emenda que devem levar e também dos atos de contrição etc que devem fazer antes da confissão e da exação em cumprir a penitência e dar graças a Deus por um tão grande benefício.

### § 4o

#### **Para a comunhão**

Na véspera da comunhão, tendo-se confessado de tarde, a lição que nesse dia se ler à noute será do Santíssimo Sacramento e a mestra lhe fará lembra[n]do em breves palavras os fins para que devem chegar à santa comunhão, os grandes bens e proveitos espirituais que tiram as almas que com a devida disposição se chegam a receber a Nosso Senhor Jesu[s] Cristo; ela as exortará com repetidos atos de Fé, Esperança e Caridade e com a prática das virtudes em que para esse fim se devem exercitar, até chegar a comungar.

Na manhã da comunhão, a meditação desse dia à oração será sobre este

<sup>174</sup> No fim da página, estão rasuradas quatro linhas contendo o mesmo texto com que se inicia a p. 8, visível equívoco da redactora ao mudar de página.

<sup>175</sup> Rasurado «cada hua».

augustíssimo sacramento e até hora de o receber fará por as<sup>176</sup> conservar no possível recolhimento e as exortará a praticar nesse dia alguns atos de virtude em ação de graças de um tão alto benefício e com particularidade se devem aplicar à mortifi[ca]ção das suas paixões e más inclinações e é fruto que devem principalmente procurar tirar de tão soberana visita.

## § 5

### **De como se devem instruir as educandas para a primeira comunhão**

A mestra das educandas, vendo que alguma das pequenas que ainda não comungam já está<sup>177</sup> capaz para isso, não só por ter uso de razão, mas [p. 10] também porque já a acha bem instruída na doutrina cristã e nos pontos da nossa santa Fé, fará um rol com os nomes e o dará à Madre Prefeita quando ela for visitar e a informará das razões que acha para esta execução e depois disto a Madre Prefeita trará o rol assinado à Madre Superiora para conferir o dia que lhe parecer mais a propósito, que deve ser alguma principal festa do ano, como Páscoa, Pentecostes, Todos-os-Santos ou Natal etc. Assinado o dia pela Madre Superiora, a Prefeita tomará a seu cargo o trabalho de as instruir novamente por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos deu exemplo na Sua santíssima vida e todos os dias irá à classe, no tempo que lhe ficar mais cómodo e chamará para lugar separado as que pretende instruir e, se houver alguma que tenha entrado há pouco e tivesse já comungado no século, a chamará para também a instruir e para as dispor a uma confissão geral, se for necessário.

No dia que der princípio à sua instrução, as levará ao coro para se oferecer a Nosso Senhor e lhe pedir graça para aproveitar no que lhe for ensinado e empregar bem todo este tempo em preparar-se dignamente para recebê-Lo e para este fim implorarão assistência da santíssima Virgem, do seu Anjo-da-Guarda e do Santo que para esta ação tiverem escolhido por patrono e todos os dias a repetirão antes de começar a instrução.

Desde o primeiro dia, lhe[s] fará conhecer o fim para que as instrui, que é ensinar-lhes a fazer-se dignas de serem templos vivos do Filho de Deus, que há de vir a assistir nelas por um modo tão singular e fará de todo o possível para lhe[s] imprimir na alma um alto apreço do Santíssimo Sacramento e um desejo ardente de bem preparar-se e um grande temor de se chegar a ele indignamente.

Consequentemente, lhe[s] ensinará com brevidade que disposição ou preparação se requer para dignamente comungar, que é duas maneiras, uma mais remota que é saber bem as principais partes da doutrina cristã, a qual lhe[s]

---

<sup>176</sup> por as: pelas *REG.*

<sup>177</sup> está: estar *REG.*

fará perceber explicando-lhe[s] cada uma delas de sorte que a não saibam só de memória, mas que tenham toda a inteligência que lhe[s] for possível à sua idade, não ficando por declarar os sacramentos, principalmente o da penitência e Eucaristia.

[p. 11] A outra disposição, que é mais próxima e principal, depende da pureza da consciência, que se adquire por uma boa confissão geral e prática das virtudes e boas obras; ela lhe fará ver a necessidade desta disposição e as instruirá a preparar as suas almas pelo exercício dos atos interiores e exteriores das virtudes Fé, Esperança e Caridade, da devoção da humildade, da pureza de coração e intenção e o desejo de receber a Nosso Senhor e cada semana lhe[s] dará uma destas virtudes para se exercitar[em] nela e lhe[s] explicará que sorte a há de praticar e lhe[s] fará dar conta uma vez<sup>178</sup> por outra.

Todo o tempo desta instrução será por um mês. Na primeira semana, lhe[s] explicará<sup>179</sup> com miudeza a doutrina e os mistérios da nossa santa Fé; na segunda, lhe[s] explicará os sacramentos da Santa Madre Igreja e a importância deles; na terceira, lhe[s] explicará os mandamentos da lei de Deus, os da Santa Madre Igreja e os pecados mortais e as ensinará por eles a examinar[em]-se e a dispor[em]-se para a confissão, que será feita no fim desta terceira semana e lhe[s] pode ensinar a fazer o exame pelo Granada ou por outro livro que lhe parecer útil e a propósito; na quarta semana, as instruirá particularmente no fervor e amor com que se devem chegar e dispor para a santa comunhão; em um destes<sup>180</sup> dias as levará ao comungatório para lhes ensinar como devem chegar à sagrada comunhão com os olhos baixos, as mãos levantadas e pegar na toalha com as mãos por baixo abrindo a boca, pondo a língua sobre o beijo composta e modestamente sem disformidade.

Dous dias antes, estarão separadas das outras e farão os seus exercícios de sorte que só se juntem para fazer os seus exercícios e comer. Na véspera da comunhão, ela as levará à Madre Superiora para lhes agradecer as instruções que lhe[s] tem mandado dar e pedir-lhe as encomendem a Deus e que por todas as religiosas lhe mande fazer a mesma mercê e esmola a fim de comungar dignamente e no fim lhe pedirão a benção para o mesmo efeito. Depois pedirão perdão à Madre Prefeita de não ter abraçado todas<sup>181</sup> as exortações e doutrina que lhe[s] tem dado e de todos os desgostos que por sua culpa lhe têm dado. O mesmo farão às outras mestras e às suas companheiras, pedindo a todas orações para a boa conclusão de tão santa obra.

<sup>178</sup> Rasurado «cada semana».

<sup>179</sup> Rasurado «m».

<sup>180</sup> Rasurado «livros».

<sup>181</sup> Rasurado «tod».

Neste dia<sup>182</sup> de tarde ou no dia da comunhão, ficarão recolhidas ainda [p. 12] todo o dia, separadas das suas companheiras para dar graças a Nosso Senhor de um tão grande benefício.

Se houver lugar, ouvirão mais uma missa para o mesmo fim. No outro dia pela manhã, a Madre Prefeita as irá entregar à mestra exortando-as<sup>183</sup> muito à perseverança nas suas boas resoluções e propósitos.

#### §6

##### **Como se devem instruir as educandas para receber o sacramento da confirmação**

Sendo avisadas as mestras do dia em que a confirmação se há de dar, elas instruirão as educandas perguntando-lhe[s] o fim por que este sacramento foi instituído, sua forma, sua matéria e seus efeitos e a razão das cerimónias com que ele se confere, a causa por que o bispo é o ministro deste sacramento, as disposições que é necessário ter para ele e como se não pode receber mais que uma vez na vida.

Na véspera as farão confessar e comungar e lhe[s] tornarão [a] avivar a memória das circunstâncias deste sacramento e as exortarão a recebê-lo com grande reverência e devoção.

#### §7

##### **Modo de fazer-se oferecer a Deus as educandas**

Tendo a mestra recebido alguma educanda, depois de a ter instruído das obrigações que tem de se converter a Deus para O servir e amar sempre de todo o coração, tanto pelo título da Criação, como pelo da Redenção e adoção ao número dos filhos de Deus, ela a levará ao coro a oferecer-se e dar-se toda a Ele, renovando as protestações que se fizeram por ela no seu batismo e poderá servir-se para este efeito da seguinte fórmula:

«Deus omnipotente<sup>184</sup> e eterno, prostrada diante de Vossa infinita e adorável majestade eu Vos confesso, reconheço por meu Deus, meu criador e supremo Senhor e como tal Vos adoro com a maior humildade que me é possível e, reconhecendo os benefícios que tenho recebido de Vossa bondade infinita, eu Vos rendo as mais humildes ações de graças, particularmente por me haver[d] es criado à Vossa imagem e semelhança, dando-me [p. 13] uma alma capaz de Vos conhecer, de Vos amar e servir e gozar eternamente de Vós; de me haver[d]

---

<sup>182</sup> Neste dia: Neste dia dia *REG.*

<sup>183</sup> exortando-as: exortandoas *REG.*

<sup>184</sup> omnipotente: omnipotentente *REG.*

es resgatado pela morte preciosa de Vosso Filho Unigénito; de me haver[d]es<sup>185</sup> chamado à verdadeira Fé e aplicado o fruto da Redenção pelo santo batismo e pelos outros sacramentos; enfim, de me haver[d]es preservado, desde que tenho recebido o ser, de uma infinidade de males espirituais e corporais e comunicado tantas graças e tantos bens, eu confesso, Meu Deus, que, por todos estes títulos, estou estreitamente obrigada [a] amar-Vos e a servir-Vos desde que estou no mundo e que, sem embargo disto, tenho até aqui passado a minha vida sem Vos honrar e servir como devo e – o que é pior – Vos tenho ofendido de muitos modos. Portanto, Vos peço humildissimamente o perdão, com todo o possível pesar e Vos suplico de todo o meu coração que aceiteis a oferta que Vos faço, no dia de hoje, inteiramente de novo do meu ser, da minha vida e todos os meus pensamentos, palavras e obras, retificando e confirmando em presença de Vossa Divina Majestade as promessas que fizem por mim no santo batismo de renunciar ao Demónio e às suas obras, ao mundo e às suas vaidades e pompa e protesto morrer mil vezes antes que apartar-me jamais um só momento da Fé que tenho recebido, nem da observância de Vossos santos mandamentos, em cumprimento dos quais estou resoluta a viver e morrer, suplicando-Vos humildemente o fazerdes-me esta graça, pelos merecimentos de Vosso amado Filho e pela intercessão da v[ontade] gloriosa do meu Anjo-da-Guarda e dos Santos protetores da minha vida.

## Capítulo 5

### Da mestra de escrever

A mestra de escrever será muito afeiçoada a ensinar as educandas a escrever bem<sup>186</sup> e a pegar nas penas com três dedos e boa graça; depois as ensinará a formar bem as letras, começando ordinariamente pelas letras I e O, como fundamento de todas as mais, e depois as letras A, V, M, N, não lhe[s] mudando de umas letras para outras enquanto não sabem formar bem as primeiras. E depois lhes ensinará as letras passantes e primeiro as mais fáceis: B, D, L, F, G, H etc. Quando souberem formar todas estas letras, lhes ensinará as ligaduras como Uuu, Mmm, Nnn e depois palavras sem letras passantes – como estas «avançar», «comum», «comis[s]o» – e lhe[s] fará fazer três regras de cada sorte, para se firmarem vantajosamente.

[p. 14] Consequentemente lhe[s] dará palavras mais compridas e com letras passantes como «honrosamente», «suplicação», «companhia» etc. Quando elas fizerem sofrivelmente as palavras, lhe[s] dará regra inteira e depois duas regras; ensinar-lhes-á também a formar as letras das duas sortes de conta que são ordinárias.

<sup>185</sup> Rasurado «remido».

<sup>186</sup> «a escrever bem» inserido à margem.

Ensinar-lhes-á desde o princípio a fazer espaços iguais entre as<sup>187</sup> pernas ou riscos das letras e a não deixar mais que uma letra entre cada palavra. A experiência tem mostrado que este método de ensinar a escrever é o mais útil; contudo, não se pretende aqui obrigar a mestra de tal sorte que não possa em alguma parte mudá-lo quando julgar a propósito.

Empregará todo o tempo a ensinar ora umas e depois a outras, escrevendo algumas letras ou palavras diante delas e fazendo-lhe[s] escrever as mesmas. Corrigirá as que não fizerem bem e lhes ensinará as medidas de cada letra; ensinará mais a miúdo as mais ignorantes e lhes guiará a mão para mais as segurar, cousa que seria bem fazê-lo todos os dias àquelas que começam, por quase seis semanas.

Não lhe[s] permitirá escrever noutra parte fora dos seus mesmos papéis até que elas saibam bem escrever porque isso lhe[s] faz perder o jeito da mão.

Ensine-lhes a estar próprias e direitas e a não manchar os seus vestidos e papéis com a tinta e para isto ponha sobre cada mesa alguns bocados de pano ou tafetá velho para limpar as penas quando for preciso.

Terá cuidado grande que elas empreguem bem o tempo e que não falem mais que para perguntar em voz baixa o que for necessário, o que ela mesma observará também, não as interrompendo com ne[n]hum discurso; sobre[t]udo tenha cautela de as fazer estar com o corpo direito quando escrevem e fará também escrever pouco àquelas cujo talho se desmancha com a continuação do trabalho.

[p. 15] Quando alguma educanda tiver permissão de escrever aos seus parentes, a mestra terá cuidado de lhe fazer escrever a sua carta e de ver se vai conforme a ortografia. Ensinar-lhes-á [a] aparar as penas àquelas que já sabem sofrivelmente escrever com aviso da Madre Prefeita.

Logo que algumas tiverem a mão sofrivelmente firme para a escritura, ela avisará a mestra da classe, a fim de que lhe[s] faça aprender a ortografia.

Se há algumas negligentes em aprender ou que façam estrondo ou desordem que serve às outras de impedimento, depois de as ter advertido e repreendido, se se não corrigem, o dirá à Madre Prefeita ou à mestra que preside.

Terá feitos traslados antes da classe de uma ou duas regras de sentenças ou versos piedosos pelos quais as discípulas escrevam e no fim das classes cotejará as matérias com os traslados e os meterá dentro de cada uma.

Ela será cuidadosa em ter provido tudo o que pertence ao seu ofício de penas,

---

<sup>187</sup> Rasurado «paras».

papéis e tinteiros, que ela conservará com perfeição, não deixando engrossar a tinta e, de tempos em tempos, a deitará nova e também poedouros, quando vir que é necessário, e fechará tudo num armário ou cofre, que deve estar no lugar onde as educandas escrevem, do qual ela tenha a chave.

Escreverá sobre os papéis de cada educanda o seu nome e sobrenome e fechará separadamente os de cada classe no seu armário e a ninguém falará dos seus defeitos fora da mestra que as preside.

### [p. 16] Capítulo 6

#### Da mestra da conta e da ortografia

Esta mestra será exata em achar-se na classe às horas destinadas para fazer dar as lições na conta romana e arábica; ensinar-lhes-á a fazer as letras<sup>188</sup> da conta com uniformidade e perfeição e que sejam bem iguais e ensiná-las-á pela ordem e regras que determina esta faculdade.

Para a ortografia, se proverá de tantos livros impressos da mesma sorte quantas forem as educandas que devem aprendê-la cada dia, as quais poderão ser até oito ou dez.

Tendo dado a cada uma seu papel branco, lhe ditará pausada e distintamente, palavra por palavra, duas ou três regras dos ditos livros para elas irem escrevendo; depois dará a cada uma o seu livro para se emendarem elas mesmas, escrevendo corretamente as palavras por cima daquelas que tinham escrito erradas; depois, ela lhes fará tornar a escrever diretamente a mesma lição, sem ver o que primeiro tinham escrito. Em o dia seguinte, elas escreverão ainda a mesma cousa em limpo sobre outro papel e não se mudará a lição até que elas possam acertar.

Terá muito cuidado em que não falem em cousa alguma fora do que é necessário para as suas lições – e isso se fará em tom baixo – e terá grande cuidado em não falar dos defeitos ou negligências das educandas, exceto à mestra que as preside.

As educandas tanto de dentro, como externas terão sueto nas quintas-feiras nas semanas em que não houver dia santo e também nas festas do Natal, desde o dia do Natal até depois da festa da Epifania, e desde Domingos de Ramos até o da Pascoela; também nos três dias das carnes tolendas, para não andarem a vir pelas ruas em dias tão tumultuosos, e desde o último de agosto até quinze de setembro, para as mestras fazerem os Exercícios de Santo Inácio.

---

<sup>188</sup> Rasurado «bem».



### Capítulo 7º

#### **Das mestras dos instrumentos e das que ensinam a ler o Vulgar e Latim etc.**

Todas estas mestras serão exatíssimas no cumprimento da sua [p. 17]<sup>189</sup> obrigação, tendo cuidado em se acharem nas classes às horas destinadas e não se ausentando delas antes de se acabarem as horas ou lições; ensinarão com toda aplicação e cuidado, segundo as regras da arte de cada uma destas faculdades, sem consentirem que aprendam de outiva e as que ensinarem a ler qualquer língua procurarão que a pronunciem com perfeição e em particular a Vulgar. Terão cuidado que guardem silêncio no tempo da classe, como determinam as Constituições e a nin[g]uém falarão dos seus defeitos, como está dito etc.

### Capítulo 8º

#### **Das mestras de renda, costura e de toda a casta de lavor**

Estas mestras serão exatas em se achar nas suas classes às horas determinadas e de tarde deve ser no fim da doutrina; cuidarão muito em as fazer aplicadas e que façam as suas obras com asseio e perfeição e empregarão bem o tempo [em] as ensinar, sem se ocuparem em cousa alguma que disto a[s] desvie.

Quando as mestras de qualquer destas faculdades tiver[em] muitas ao mesmo tempo para ensinar ou quando lhe[s] parecer conveniente as repartirá pelas mais adiantadas, para elas as ensinarem e ao seu pé terá 2 ou 3 das mais atrasadas, a fim de elas se adiant[ar]em e a todas as outras lhe[s] verá repetidas vezes os seus labores para lhe[s] adve[r]tir os erros e fazer-lhe[s] desfazer quando necessitarem disso.

Terão cuidado que não destruam ou percam os retroses, linhas, sedas etc que para as suas obras lhe[s] forem dados e encobrirão alguma [a]o guardá-los todos os dias com ordem nos armários ou bocetas que [para] esse fim devem haver.

Terão toda a diligência por as<sup>190</sup> conservar em silêncio e que falem em tom baixo aquelas palavras que forem necessárias. De nenhum modo lhe[s] permitam queixas ou murmurações das outras mestras e procurarão intimar o respeito e amor que lhe devem ter e terão cuidado que no tempo da classe se tratem com política e caridade umas com as outras.

[p. 18] Terão cuidado em procurar a tempo a Madre Prefeita o que lhe for necessário para os seus labores e não se admitirão obras para as classes sem sua permissão. Procurarão que as suas discípulas se aproveitem e gastem o tempo com utilidade para o mesmo fim e não se ausentarão senão às horas prescritas e a pessoa alguma falarão nos defeitos ou descuidos das suas discípulas, exceto à

---

<sup>189</sup> A partir desta página, nota-se mudança da pessoa que escreve.

<sup>190</sup> por as: pelas *REG*.

Madre Prefeita ou à mestra a quem pertence o seu regímen.

### Capítulo 9

#### Regulamento para quem tem cuidado da roupa de linho e de cor

Terá cuidado em que a roupa de linho seja bem lavada e bem tratada, consertando-a a tempo conforme a sua necessidade e a terá marcada com o sinal de cada uma, para se não misturar e de uma com outra no que deve ter toda a vigilância. As educandas que forem mais pequenas no verão lhe darão a roupa 2 vezes na semana a fim de que andem asseadas e a todas dará camisas mais usadas para dormir para o fim do mesmo asseio.

Quando fizer roupa nova, assentará no seu livro o número e os nomes para quem a fez; quando a der a lavar será por rol, a fim de que se não perca na lavadeira e nisto terá muito cuidado, como também em a dar a todas, sendo necessária, para as costumar a andar com asseio e tratar com ele tudo de seu uso.

Fará provimento de linhos de todas qualidades, tanto para coser no pano de estopa e de linho, como para meias, as quais terá cuid[ad]o de as mandar consertar a tempo para não se estruírem; os pares que fizer novos assentará no livro como tudo mais.

Na roupa<sup>191</sup> de cor terá o mesmo cuidado, tratando tudo com muito asseio e fazendo-a consertar a tempo, para se n[ão] estruir e, quando fizer alguma cousa nova, a numerará, escre[ve]rá no livro como acima se diz.

Terá também o calçado marcado para se não misturar; 2 vezes na semana irá à noute pelos [p. 19] aposentos das educandas para lhe[s] ver o calçado conserto para ir para o sapateiro a tempo, fazendo rol dos pares que manda para os aceitar pelo mesmo rol, como também os pares novos que mandar fazer os assentará no seu livro com os nomes para quem são.

Tudo isto fará com o maior cuidado e zelo, não faltando ao preciso, mas não destruindo e isto não só pelo que deve a si mesma, mas também para as costumar a praticar o que têm visto obrar. Tudo isto fará com a intenção reta para Glória de Deus, por amor do qual tem este trabalho.

### §2

#### Regulamento das que têm cuidado das cousas de comer

Cuidará em que a carne e o peixe se salgue a tempo, que não ganhe<sup>192</sup> cheiro e fará tratar tudo com o maior asseio, tanto na cozinha, como na despensa e

---

<sup>191</sup> Rasurado «vranca».

<sup>192</sup> que não ganhe: que não ganhe que não ganhe *REG*.

mais trastes. Terá cuidado de lhe dar tudo o que lhe for necessário, com toda a prontidão, sem mau modo, como verdadeira Mãe em Jesus Cristo.

### §3

#### **Regulamentos para todas as mestras em geral**

As mestras terão entre si grande concórdia e uniformidade no seu obrar e, se houver algumas pequenas dissensões – e que pode haver<sup>193</sup> – com a Madre Prefeita o não deem a conhecer às educandas, nem mostrem desaproveitar o que uma ou a outra fizer, mas se houver<sup>194</sup> alguma coisa que estranhar, elas se advertirão, depois reciprocamente entre si, com brandura e caridade, sem paixão e o mesmo farão com as que vêm ensinar as suas classes ou com as irmãs que fazem algum serviço às educandas, sobre as quais elas devem ter muito cuidado a fim de que elas se desempenhem como é necessário e se façam continuar nos seus empregos.

Sobretudo<sup>195</sup> elas terão cuidado de fazer pe[r]ceber às educandas a estimação que elas têm de todas a[s] religiosas e não lhe[s] permitam que elas lhe[s] falemal, ou em particular, ou em comum, o que elas observarão [p. 20] singularmente a respeito das mestras que lhe[s] precederam; acautelem-se de censurar a sua conduta ou informar curiosamente dela.

Não lhe[s] aceitarão coisa<sup>196</sup> nenhuma que as educandas lhe[s] queiram dar sem particular licença<sup>197</sup> da Madre Superiora.

### Capítulo 10

#### **Regulamento das que penteiam e vestem<sup>198</sup> as educanda[s]**

As que são destinadas para pentearem as educandas serão pontuais em se achar no seu apartamento para penteá-las ao tempo que se levantam aquelas que a mestra lhe tiver destinado.

Elas as pentearão pela parte das costas e apertarão os seus cabelos com o cordão ou fita, tendo grande cuidado de lhe[s] conservar a cabeça limpa e, por esta causa, as não pentearão muito depressa.

Elas as comporão juntamente sem curiosidade, nem vaidade e lhe[s] alimparão as celas e farão as camas. As religiosas conversas que nisto são empregadas se tratem com as educandas com mansidão e respeito, não se entremetendo a repreendê-las ou castigá-las, mas podem-nas advertir brandamente em ausência de sua mestra

---

<sup>193</sup> haver com: haver ou com *REG.*

<sup>194</sup> Rasurado «mas se ouver».

<sup>195</sup> Rasurado «sobre».

<sup>196</sup> cousa: con *REG.*

<sup>197</sup> licença: lincença *REG.*

<sup>198</sup> Entrelinhado «e vestem».

ou também dizer-lho depois a fim de que ela as repreenda e se demorem nada a falar-lhes mais do que necessário for.

Terão cuidado de ter água em um resisto no sítio em que penteiam e terão cuidado em que se lavem e terão toalhas para se alimpar, as quais porão lavadas 2 vezes na semana e terão cuidado de as guardar para entregá-las à roupeira quando esta as procurar e der as lavadas.

Terão cuidado de lhes assear e lavar os vasos humildes para [os] conservarem limpos e decentes; uma vez cada mês lhe[s] porão as camas ao sol e lha[s] olharão e lhe[s] espanarão e lavarão as celas ou câmaras e, se para este efeito não puderem sós, o dirão à Madre Prefeita para que esta lhe[s] dê quem as ajude. E tudo farão com intenção reta de dar Glória a Deus, de Quem só esperam a recompensa, não querendo ou aceitando de mais ninguém<sup>199</sup> a remuneração.

**[p. 21] Segunda Parte**  
**Regulamento das discípulas externas**  
**Capítulo 1º**

Em cada colégio ou mosteiro haverá classe para instruir as meninas pobres da terra em que estiverem. Esta classe será uma casa grande que fique separada do mosteiro para não terem correlação com as de dentro. Haverá um pequeno oratório para elas fazerem a sua oração. Para esta classe haverá duas mestras que a Madre Superiora destinará as que lhe parecerem a propósito e, se o número das meninas for grande, poderá nomear mais mestras; conforme as religiosas que tiver, [n]a mesma proporção aceitará as meninas.

As mestras lhe[s] ensinarão e farão por lhe[s] estimarem sobretudo o santo temor de Deus. Para este fim, lhe[s] ensinarão a fazer oração e o oferecimento das obras do dia à doutrina cristã e lha explicarão e farão perceber de sorte que a não saibam só de memória, mas compreendam – do modo que é possível aos seus anos – os mistérios da Fé<sup>200</sup> e os sacramentos para saberem o como se recebem, o fim para que se recebem, os efeitos que obram nas alunas.

As meninas se acharão todas juntas para entrar na classe às horas prescritas nas Constituições e as exortarão a que com pontualidade se venham juntando [a] o lugar que se destinar, de sorte que estejam todas juntas e prontas para entrar ao toque e sinal que para isso der o sino.

Em entrando para a classe, perguntam às suas mestras como passaram, depois

---

<sup>199</sup> Rasurado por cima desta palavra «de».

<sup>200</sup> «mistérios da fe» entrelinhado.

de lhe[s] ter[em] dado os bons dias e lhe[s] tomarão a benção e<sup>201</sup> [i]mediatamente se irão pondo de joelhos por sua ordem diante do oratório e as mestras lhe[s] ensinarão a honrar a Santíssima Trindade e o oferecimento das obras do dia e a fazerem atos de Fé e Esperança e Caridade etc e depois os prelúdios para fazerem oração e lha farão por espaço de um quarto.

Acabada a oração, entrarão a dar as lições de ler e escrever e acabadas se porão a trabalhar.

De tarde virão também ao toque do sino e, tendo entrado, tomarão a benção às mestras e se porão por sua ordem e terão meia hora de doutrina cristã. Acabada esta, se porão a trabalhar; às 7 horas merendarão – para [o] que terão um quarto de hora – e se tornarão a trabalhar até o fim das classes, que será no verão às 7, [p. 22] ficando as mestras desobrigadas de assistir neste tempo ao coro (o satisfarão depois) e no inverno às 5.

## **Capítulo 2º**

### **Regulamento do que a Madre Prefeita deve fazer e praticar com as discípulas externas**

A Madre Prefeita se fará contínua e exata em abrir a porta da classe no tempo ordenado, assim para fazer entrar, como sair as discípulas. Estará sempre à porta enquanto ela estiver aberta, tomando sentido cuidadosamente que não se entremetam outras pessoas, fora<sup>202</sup> aquelas que tiver aceito para aprender, tendo, por este motivo, o véu sempre levantado, nem parará também a falar com pessoas seculares nesta porta, mas logo a fechará, tanto que entrarem ou saírem as discípulas.

Terá cuidado que não haja desordem alguma no sair ou entrar das discípulas, mas fará com que elas entrem com toda a gravidade e modéstia e por sua ordem e sem ruído e reparará nas que faltam a vir à classe, a fim de saber a causa, na primeira ocasião fazendo o que lhe for possível para as fazer exatas, castigando ou despedindo aquelas que se dispensam a miúdo sem causa justa.

Quando apresentarem alguma menina para ser instruída, antes de a receber[em], a verão<sup>203</sup> no locutório e se informarão<sup>204</sup> da idade que tem e se os seus parentes podem ou querem enviá-la todos os<sup>205</sup> dias à hora assinada e fazer-lhes praticar aquilo que lhe[s] for ensinado tocante a piedade, como fazer a oração, fazê-la ouvir a missa e fazê-la confessar.

---

<sup>201</sup> e: cem *REG.*

<sup>202</sup> «fora» entrelinhado.

<sup>203</sup> verão: verá *REG.*

<sup>204</sup> informarão: informará *REG.*

<sup>205</sup> os: dos *REG.*

Não admitirá alguma – principalmente das mais grandes – que não tenha primeiro, por<sup>206</sup> pessoas conhecidas bastante se garanta de que seus pais são de boa vida e não receberá a que passar de 18 anos sem especial permissão da Madre Sup[e]riora. Terá um livro aonde escreverá os nomes das meninas e de seus pais, que ela recebe, e também a rua donde moram.

No locutório portar-se-á com os parentes das discípulas com discursos breves e de cousas que respeitem [p. 23] ao seu ofício e terá sempre o véu corrido. Não se servirá das discípulas para fazer recado algum sem ter da Madre Sup[e]riora expressa permissão, salvo pelo que toca ao seu ofício, como seria mandar perguntar aos parentes de alguma menina a causa por que faltou. Não rece[be]rá carta ou escritos ou cousa algu[m]a p[e]las meninas, nem também as mandará.

Será frequente em visitar as classes, como lhe prescrevem as Constituições e nomeará de dez em dez algumas das mais adiantadas para se[r]virem de coro<sup>207</sup> e as mudará quando lhe par[e]cer conveniente e tiver outras que o possam fazer, para assim as ir adiantando. E às que saem, se o fizeram bem, dará o seu louvor e terá cuidado de ver o adiantamento de cada uma, principalmente na doutrina cristã.

Terá cuidado em que as mestras sejam exatas em as instruir para a confissão e comunhão e que as façam afeiçoadas a estes sacramentos e o modo desta instrução será como está prescrita para as educandas de dentro, tanto para as que comungam a primeira vez, como para as outras.

Terá cuidado que elas se confessem em todas as festas anuais e, além disso, de 15 em 15 dias ao menos, o que farão, havendo comunidade, na igreja do convento e, não havendo, lhe[s] fará trazer escrito do confessor que as confessou.

### Capítulo 3

#### Regulamentos das mestras das discípulas externas

As religiosas destinadas à instrução das discípulas externas se devem portar nisto com tanta mais afeição quanto neste emprego imitam mais chegadoamente ao Filho de Deus, o qual, no decurso<sup>208</sup> da Sua vida, quis principalmente instruir os pobres e ignorantes e, por isso, lhe peçam instantemente o Seu espírito e graça para exercitar esta ação, zelo e caridade e paciência e<sup>209</sup> brandura de que Ele nos deixou exemplo.

---

<sup>206</sup> «por» entrelineado.

<sup>207</sup> de coro: de de corio *REG.*

<sup>208</sup> decurso: discurso *REG.*

<sup>209</sup> e: a *REG.*

Terão cuidado em assistir às suas orações e à sua doutrina e de lha explicar e de lhe[s] fazer o seu exame; quanto à lição de escrever, o praticarão como na classe de dentro; assim também a ortografia e conta.

As mestras serão exatíssimas em ir para a classe à hora prescrita, de sorte que lá estejam sempre antes das discípulas. Todo o tempo que estiverem na classe empregarão em utilidade das discípulas e não se distrairão a trabalhar em outras obras e ainda menos a falar umas com outras no tempo destinado para as instruções, diferindo para outra hora o comunicar-se sobre o que julgarem é [p. 24] preciso para a boa ordem das suas classes se guardarem.

Terão cuidado nas vésperas das festas do Nosso Senhor e da Senhora e dos Santos em que se acham cousas mais notáveis nas suas vidas; lhe[s] falarão delas na hora que fazem a doutrina, como também das cerimónias mais notáveis que se fazem na Igreja, como a da Cinza e dos Ramos etc.

Como a sua principal obrigação é instruir as discípulas na piedade e virtudes cristãs, porão nisso um cuidado e um estudo particular. Quando entra uma menina para se instruir, a mestra a fará oferecer a Deus do modo com que se oferecem as educandas; ensinar-lhes-á os princípios da fé e religião, o modo de se oferecer a Deus todas as manhãs, de ouvir missa, bem de fazer o exame antes de se deitar e depois a recomendarão a uma de coros<sup>210</sup> para lhe ensinar a doutrina e as orações costumadas.

Terão cuidado em as ir chamando por seu turno a cada uma em particular para saber se elas estão bem cientes nas orações e doutrina. Isto se pode praticar no fim das lições pelo decurso dos dias e terão cuidado de as fazer<sup>211</sup> ir desobrigar às suas paróquias logo no princípio da Quaresma e lhe intimarão o quanto devem ser exatas no cumprimento dos preceitos de Deus e da Igreja.

Pelo que toca a dispor as discípulas para o sacramento da confirmação, sabendo as mestras que o bispo vem a crismar, são obrigadas a dispô-las como está dito para educandas.

Quando alguma das discípulas se desp[ed]irem para não tornar à classe, as mestras lhe[s] falarão em particular para lhe[s] recomendar como cristãmente devem viver e lhe[s] lembrarão as cousas mais necessárias para a sua Salvação.

As mestras guardarão exatamente a ordem nas suas classes estabelecida e nada mudarão na fórmula das orações ordenadas e para isto lerão repetidas vezes o seu regulamento.

---

<sup>210</sup> de coros: de de corios *REG.*

<sup>211</sup> Rasurado «praticar».

Elas se portarão com uma grande paciência e caridade para com todas, afeiçoando-as a procurar o seu adiantamento e aprender a ser bem virtuosas, levando-as a isto com uma santa emulação sem grandes castigos<sup>212</sup>, nem lhe[s] admitindo queixas umas das outras pelas faltas ligeiras, como fazer ruído, ser alguma vez negligentes no estudo, dizer alguma palavra áspera ou descortês com as companheiras etc. Se elas se não emendam logo que se veem repreendidas, lhe[s] farão alguma [p. 25] pequena confusão diante de todas, como mandá-las pôr por último no seu lugar ou fazê-las estar apartadas das outras em pé algum tempo ou outros neste modo.

Não lhes<sup>213</sup> permitirão o darem reciprocamente as cousas do seu uso, nem fazer com as companheiras alguma venda ou troca ou contrato. Não receberão presente algum das discípulas, nem se servirão delas para fazer recado algum ou recomendação a pes[so]as de fora; não lhe[s] perguntarão por notas<sup>214</sup> o[u] cousas escusadas, nem ainda permitirão que elas as digam, principalmente quando em particular lhe[s] falarem, por não consumir o tempo inutilmente.

As mestras terão cuidado de que as classes estejam limpas e asseadas e, por esta causa, deixará alguma das mais pobres de manhã na classe para a ficar asseando antes que as outras venham de tarde.

As mestras terão grande respeito à Madre Prefeita e grande união e concórdia entre si para se aliviarem umas às outras no trabalho da instrução; não darão a entender às discípulas as suas pequenas diferenças, nem mostrarão desaprová-las uma o que tiver feito a outra porque, havendo alguma cousa que repreender, esperarão que elas se vão para se advertir com caridade e mansidão<sup>215</sup>.

#### **Capítulo 4** **Regulamento das discípulas externas**

As meninas que se receberem nesta casa para serem instruídas devem saber que o primeiro e principal fim por que a[s] recebem é para conhecerem a aprender [a] amar e servir a Deus, a fim de que por este modo sejam algum dia bem-aventuradas. Far-se-ão sob[re]tudo afeiçoadas ao que respeita a piedade e a bem aprender e praticar o que se lhes ensina, para a sua Salvação, estudando em fazê-lo perceber em as suas boas ações, pela modéstia de todos os seus gestos como amam<sup>216</sup> a Deus e temem desagradá-lo.

---

<sup>212</sup> «Castigos» entrelinhado.

<sup>213</sup> «lhes» entrelinhado.

<sup>214</sup> «tas» entrelinhado.

<sup>215</sup> À margem deste parágrafo: «as suas pequenas diferenças nem mostrarao dezaprovar hua».

<sup>216</sup> amam: amã REG.



Logo que despertarem darão o seu coração a Deus como as mestras lhe[s] terão ensinado; em levantando-se tomarão água benta e se porão de joelhos para adorarem a Deus e depois se encomendarão à santa Virgem, ao Anjo-da-Guarda e Santo do seu nome e os dias que não forem à classe farão em sua casa os mesmos Exercícios que fazem com as mestras quando lá vão e ouvirão devotamente a missa todos os dias como lhe[s] está ensinado; quando aos domingos e dias de festa forem ouvir missa e os sermões, estarão com grande gravidade, [p. 26] modéstia, não falando nem voltando a cabeça.

Todos os dias, antes de se deitar, farão exame como se lhe[s] tem ensinado e se of[e]recerão a Deus, tomando-lhe a benção, e Nossa Senhora, dando-lhe o seu coração e deitando-se com algum bom pensamento.

Serão obedientíssimas a seus pais ou aos que estiverem em seu lugar honrando-os e servindo-os conforme a lei de Deus, cuidando lhe[s] não dar motivo algum de descontentamento por suas palavras e ações; confessar-se-ão todos os 15 dias e as festas anuais e as que comungam não comungarão sem licença dos confessores e de suas mestras.

## §2

### **Da ordem que devem guardar nos dias que vão à classe;**

Achar-se-ão um quarto de manhã antes da [h]ora de se abrir a porta; estando no lugar em que as mandarem esperar, estarão sem ruído estudando as suas lições e doutrina; quando a porta se abrir, entrarão por ordem de 2 em 2 com separação da decana e esta terá cuidado que as suas vão com ordem, modéstia, silêncio e, ao entrar, farão reverência à religiosa que lhe[s] abre a porta.

Ao subir para a classe, saudarão as suas mestras e lhe[s] tomarão a benção e irão por sua ordem pondo-se nos seus lugares para fazerem as orações prescritas.

As educandas terão [suet] nas q[ui]ntas-feiras nas semanas em que não houver dia santo e também na festa do Natal des[de] o dia de Natal até depois da festa da Epifania nos 3 dias de carnes tolendas para não andarem a vir pelas ruas em dias tão tumultuosos; na Páscoa desde o domingo de Ramos até [a]o da Pascoela e desde o último de agosto até [a]os 15 de setembro para as mestras fazerem os Exercícios de Santo Inácio.

Artigo recebido em 24/05/2012  
Aceite para publicação em 27/06/2012